

Um rei cheio de esplendor

A boa notícia de Jesus, o Messias.

Hans-Jörg Ronsdorf

Um rei cheio de esplendor

A boa notícia de Jesus, o Messias

Hans-Jörg Ronsdorf

2ª edição ampliada, agosto de 2022 (edição alemã)

Ilustrações: Friederike Zeschky

Texto: Hans-Jörg Ronsdorf – todos os direitos reservados

Albis 6½, 87477 Sulzberg

E-mail de contato: hj-ronsdorf@t-online.de

www.hans-joerg-ronsdorf.de

ISBN da edição alemã 978-3-9826027-7-6

Revisão editorial: Gabriele Singer

Projeto de capa: Friederike Zeschky, Tobias Stricker

Traduções bíblicas citadas (da edição alemã):

Elberfelder, CSV

Das Buch, Roland Werner

Die Zürcher Bibel

Die Gute Nachricht

Neue Genfer Übersetzung

Somos cristãos evangélicos de igrejas livres, ou evangélicos, como também se diz. O nome não é importante para nós. Junto com muitas outras denominações, somos simplesmente cristãos que creem em Jesus Cristo e procuram segui-lo.

O autor trabalha por conta própria na área de tecnologia de pintura. Nascido em 1964. Ele e sua esposa Christine têm 5 filhos adultos. Ele estuda a Bíblia com paixão. E também o que outros elaboraram sobre ela.

Não somos cristãos especialmente bons, mas temos um bom Rei. A ele deve pertencer o nosso melhor. Na Bíblia temos a fonte confiável daquilo que cremos.

Estamos a caminho de uma meta grandiosa, junto com todos os que adoram e servem a Jesus como Filho de Deus e Senhor do mundo, como o Rei dos reis.

1 A boa notícia em 3 palavras

Três palavras podem bastar para resumir o mais importante da mensagem cristã ou da fé cristã, ou para dizê-lo de forma certeira? Sim, três palavras são o cerne da boa notícia. Mas também está claro que há muito mais a dizer sobre isso. Aqui estão *três palavras*, e cada uma delas, por si só, descreve esse cerne. De antemão, ressalto mais uma vez: isto é só a ponta do iceberg, mas, de fato, o cume. Evangelho é a mensagem de Jesus. Do Crucificado, do Ressuscitado, do homem coroado de poder e glória no trono de Deus. Resumida, a mensagem ao mundo diz:

Jesus é SENHOR!
Jesus é Rei!
Jesus é o Messias!

Esse é o evangelho, a boa notícia, a boa-nova. Quem fala do evangelho colocará isso à frente como o ponto mais importante. Estas três palavras dizem tudo. Delas depende tudo. Elas descrevem o ponto de virada da história do mundo e o ponto de cristalização da história da salvação de Deus. Estas três palavras confirmam uma mudança de frente e de poder: a vitória sobre os poderes da morte. Há esperança. Um bom futuro. Agora há respostas. Muita coisa aparece sob uma nova luz. *Que Jesus é Senhor muda tudo.* Continue lendo – e deixe-se envolver por esta história do verdadeiro Rei. A história de Jesus e o seu final glorioso, essa é a boa notícia. Que alguém tenha se tornado Senhor sobre todos e sobre tudo não precisa ser automaticamente uma boa notícia para todos. Mas pode sê-lo para cada um. Pois é por isso que existe esta história de Jesus. E é por isso que esta é uma boa notícia.

Por que chamo Jesus Cristo de rei? Assim o chamam quase todos os escritores do Novo Testamento, e até mesmo já os do Antigo Testamento. Além disso: Cristo significa "*Ungido*". Na Antiguidade, também no judaísmo, além de sacerdotes e profetas, eram sobretudo os reis que *eram ungidos como reis* com óleo, assim como nós falamos da coroação de um rei. Ser ungido significa ser escolhido para um cargo especial.

Messias significa o mesmo que Cristo. A primeira palavra vem do hebraico, a segunda do grego. Assim, esse título e o nome *Cristo* sempre colocam em foco e exaltam também a realeza de Jesus. Como regente e soberano sobre todos e sobre tudo, especialmente, é claro, para o seu povo e sobre ele, os que confessam a Cristo. Para eles, Jesus é o Senhor. E o Rei. Pois quem pertence ao Reino de Deus, que é ao mesmo tempo o Reino de Cristo, só pode ter a ele como rei.

Aliás, também em textos sobre o Senhor Jesus Cristo muitas vezes se reconhece o motivo do rei, mesmo quando ele não é chamado explicitamente de rei. Mais sobre isso nos próximos capítulos.

A maior pergunta de todos os tempos é e continua sendo: quem pode dar conta das nossas grandes perguntas e problemas – ou nos ajudar a resolvê-los? E, para cada um pessoalmente: a quem se pode confiar a própria vida? A quem nós, como humanidade, podemos nos confiar? – para salvar as pessoas e o seu lar, o nosso planeta?

Os grandes do nosso mundo e da nossa história, aos quais as pessoas se confiaram, muitas vezes tinham algo em comum: eram homens de poder, intrigantes e corruptos, que passavam por cima de cadáveres. Exploravam as pessoas, mandavam-nas para guerras sem sentido. Viviam no luxo, enquanto o povo passava fome. Seria bom se os poderosos de hoje estivessem curados disso.

Existe um anseio de pertencer a alguém, de nos perder em alguém, em qualquer um. De se confiar sem reservas a outro. Alguns sentem isso fortemente, outros perderam a esperança de encontrar alguém assim. Como Deus responde ao nosso anseio? Dando ao mundo alguém em quem a gente pode e tem permissão de se perder, sem se arruinar com isso.

Alguém que não pensa em si mesmo, mas em nós. Um rei que merece ser rei. Que conhece a nós e as nossas necessidades e anseios mais profundos. E cuida disso. Alguém que realmente quer e pode. Que conhece a condição humana e a experimentou. Minha convicção, e a de muitos outros, é: esse alguém é Jesus, o Cristo!

Convido você a conhecer este Rei único. Venha comigo numa viagem de descoberta breve e intensa. Deixe-se envolver por alguns momentos.

Que alegria! Sobre os montes vem correndo o mensageiro da vitória! Ele traz boas-novas, anuncia paz e salvação, diz à cidade de Sião: "O teu Deus é Rei do mundo inteiro!"

Isaías 52:7

Para ler e aprofundar: Atos 2:33-36; 3:13-20; 4:10-12; 13:37-39; 17:30-31; Daniel 2:44; Zacarias 9:9; 14:9; Mateus 27:11; João 18:37; Hebreus 7:1-3; Apocalipse 1:5; 19:16; Êxodo 40:15; 1 Samuel 15:17; 16:3+12s; 2 Samuel 2:4+7; 5:3+17; 12:7; Salmo 89:20; 1 Reis 1:34+39+45; 5:1; 1 Crônicas 11:3; 14:8; 29:22; Êxodo 28:41; 30:30; 40:15; Levítico 7:36; Números 3:3; Hebreus 2:14; 4:15; Provérbios 16:15.

2 Ainda precisamos de um rei hoje?

Antes de entrarmos no tema, primeiro algo importante: não sou defensor nem militante da monarquia. Para o nosso tempo, considero a democracia a forma de Estado preferível. É ela que melhor consegue equilibrar as forças políticas. Sou grato por viver em uma. O risco de abuso de poder por parte de um soberano absoluto, seja imperador, rei ou presidente, é grande, dependendo do modelo político. Acontecimentos atuais deixam isso claro da maneira mais dolorosa. Mas segurança total nunca haverá onde pessoas têm poder e influência. Aquém da eternidade, não existe forma de governo perfeita. Enquanto as pessoas não forem perfeitas, continuará assim. E toda forma de governo pode ser uma bênção sob a bênção de Deus.

Ainda assim, voto por um rei que tenha todas as atribuições, plena autoridade em todas as questões e temas. *Mas só se for possível confiar nele.* Se for certo que ele não precisa nem de dinheiro nem de soldados. Um rei sem mentira nem engano. Alguém que seja "limpo de coração". Sem motivos egoístas. Um rei competente, que nasceu para esse cargo. Um rei a quem a gente pode se confiar sem reservas. É de alguém assim que precisamos. É deste Único que vamos tratar. Essa é a boa notícia. O evangelho do Reino de Deus.

Sim, precisamos dele, deste Único. Como nosso Rei, como nosso Senhor e Deus. Alguém que nos chama de irmãos e irmãs. Que também nos trata assim.

A Jesus, o Senhor, podemos falar diretamente, onde quer que estejamos neste momento. Este Rei ouve a todos, ele concede audiência sempre e em toda parte. A Bíblia chama essa audiência de oração. Aproximar-se do seu trono. Pela fé, como se fosse uma realidade visível. O trono deste Rei está a apenas um passo, a apenas uma oração de nós – um passo e estamos falando com o Rei. Em voz alta, baixinho, em pensamento. Em silêncio, hesitantes, duvidando. Chorando, gritando, sussurrando. Ele ouve tudo. Clamemos a ele, por ajuda, por perdão, por liberdade! Sua mão está estendida – vamos segurá-la!

Com isso já antecipamos muita coisa. Comecemos bem do começo.

Que os meus gritos de socorro cheguem até ti, Rei meu e Deus meu, pois é somente a ti que eu oro!

Salmo 5:2

"Quem é esse Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória."
Salmo 24:10

Para ler e aprofundar: João 20:17; Mateus 19:28; Lucas 22:30; 2 Timóteo 2:12; Apocalipse 5:10; 20:4; Romanos 5:2; Efésios 2:18; 3:12; Hebreus 4:16; Salmo 50:15.

3 De volta ao começo: reis no Éden

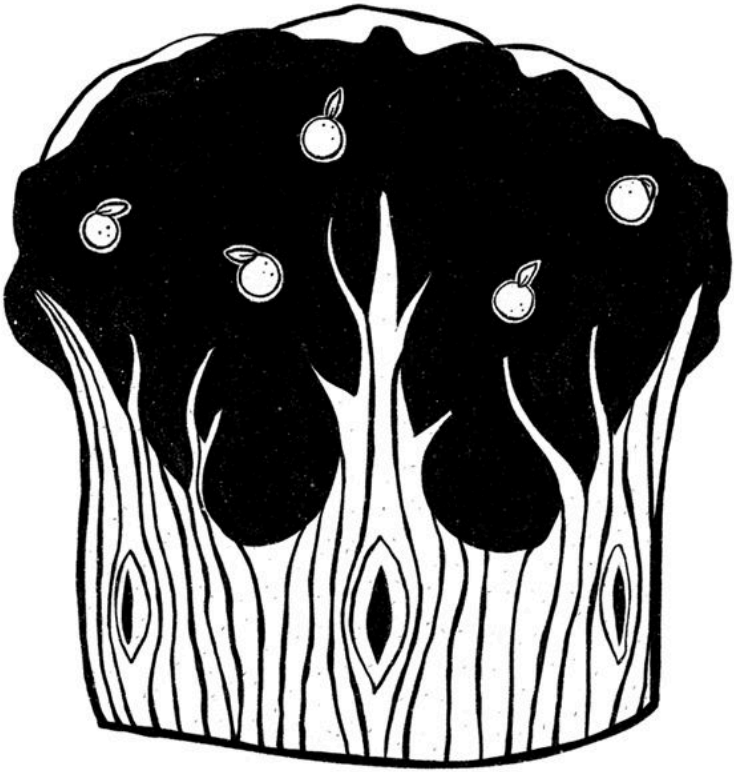
Deus quer ter a nós, seres humanos, como seus reis. Sim, você leu certo! Cada ser humano, sem exceção, seja mulher ou homem, deve ser uma rainha e um rei. Foi exatamente assim que começou. Deus, o Rei do universo, criou o ser humano como homem e mulher. Um casal que, junto, tinha dignidade real. Pois foram criados como imagem de Deus. Eram os representantes de Deus. Com tarefas reais. O jardim no Éden e a terra inteira eram o seu domínio. Para esses dois, dominar significava cuidar, proteger e cultivar. Não dominar um sobre o outro ou dominar outras pessoas, nem explorá-las ou explorar a criação.

No antigo Oriente, na época em que surgiu o Gênesis com o relato da criação, isso era sensacional. Contracultural. Contra o espírito da época. O privilégio de ser filhos dos deuses só os reis tinham. Aqueles que tinham chegado a isso não democraticamente, mas por conta própria. Os mais fortes, justamente. E que depois deixavam esse status como herança. Todos os outros eram servos e escravos sem direitos humanos como os conhecemos hoje.

O rei e a rainha, Adão e Eva, tinham – em sentido figurado – um palácio, ou um templo. O jardim do Éden é o presente de Deus aos dois e era destinado a todos os seus descendentes. Pois o paraíso devia se espalhar por toda a terra. Ser um bom lar para todas as pessoas.

Sem dúvida, Deus é o Rei sobre tudo. Como o Criador e Sustentador e Senhor sobre tudo. Como vice-reis, o casal humano era uma imagem do seu Criador. Governar com ele e em seu lugar, esse era o plano divino.

No jardim do paraíso não faltava nada. Havia mais do que o suficiente. O próprio Deus vinha visitá-los regularmente. Tão cuidadosos quanto o próprio Deus deviam e podiam ser também os seres humanos.



Uma ruptura repentina pôs fim a esse idílio. Os vice-regentes não confiam mais no seu Regente nem lhe obedecem. Duvidam de que seu Criador queira o bem deles. Se ele não estaria lhes negando algo bom que falta para a sua felicidade.

Assim, eles tomam algo que lhes tinha sido expressamente ordenado não tomar. Um mandamento que marca a diferença entre Criador e criatura. Comem o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. O mal só se conhece depois de praticá-lo. A linha é ultrapassada, o ganho de conhecimento é pago caro. A partir de agora, tudo é diferente. Já não são o paraíso e a presença visível de Deus que oferecem proteção e aconchego, mas começa uma luta pela

existência, uma luta constante pela sobrevivência fora do Éden. Nada mais é seguro. A natureza é dura, e as pessoas também se tornam duras.

A dignidade real do ser humano permanece. Mas está danificada, a imagem de Deus desfigurada, e tanto que os seres humanos começam a dominar sobre outros seres humanos e a tomar o poder pela força. Fazem-se reis sobre os outros. Substituem o Criador por ídolos. Na luta pela sobrevivência começa a concorrência. O mais forte se impõe. Ou sobrevive. A dignidade real é desfigurada por nós, seres humanos. Não raro eles se parecem mais com os animais selvagens do que com o bom ideal de Deus.

Nós sentimos isso e às vezes sonhamos com algo que seja, de algum modo, como era no começo. Livre, cheio de amor. E justo. Ansiamos por ser aceitos e por segurança. De fato, fomos criados para um mundo diferente daquele em que vivemos agora e que, por nossa causa, se tornou o que é.

Deus, o Rei do universo, não seria Deus se se conformasse com isso. Ele está mais insatisfeito com isso do que nós, seres humanos. Ele não seria Deus se não buscasse o nosso bem. Seu coração bate por nós. Ele não consegue deixar de nos amar. Deus escreve a *sua* história. A história do mundo se torna a história da salvação de Deus. Você e eu, todos nós fazemos parte dela ou podemos vir a fazer.

Para ler e aprofundar: Gênesis 1-4; Salmo 8; Tiago 3:9; Romanos 5:12-21; 1 Timóteo 2:3-7

4 Um povo de reis

Contudo: Deus estava e está sempre presente. Também depois do Éden e longe dele. Mas não mais *como* no Éden. Oculto e invisível. Ele é Espírito. Ele está em toda parte. Também hoje. Ele está presente para o bem de nós, seres humanos. Mesmo que não vejamos ou não sintamos isso. Afinal, ele criou tudo do nada e mantém tudo coeso e vivo. Embora seja o Infinito, fora de tudo o que foi criado, ele é aquele em quem e por meio de quem existimos. Somos sua criação. Ele sabe de tudo e de cada detalhe. Ele não nos solta.

As pessoas começaram naquela época a invocar o Deus invisível, a orar. Esse Deus, o Rei eterno, cuidava de sua gente. Mas elas, pouco diferente de hoje, seguiam os seus próprios caminhos. Na religião, na cultura, na vida familiar, na política. A dignidade real de ser imagem de Deus, tão cuidadoso quanto ele, não é o lema de vida. Só para poucos é. Embora uma voz interior lembre a cada ser humano como deveria ser. Também de como não deveria ser. A consciência foi dada às pessoas, para proteção delas mesmas e dos outros.

Reis como no começo, só podemos ser *junto* com o Rei do universo. Quando ele faz parte da nossa vida. Foi assim que fomos feitos. O vazio em nós, longe de Deus, ele quer preencher. Nós o preenchemos com tudo o que substitui Deus. Trocado por ídolos que, como cremos, podem preencher o vácuo. Mesmo assim: Deus quer ter uma família. Uma família real!

Se Deus escreve história, então precisamos olhar para a história. Abraão foi um marco, um novo começo. Com ele, a história de Deus com os seus seres humanos ganha uma nova dimensão. Ele será uma bênção e terá muitos descendentes. Seu filho Isaque, depois Jacó e seus doze filhos são os patriarcas do povo de Israel. No Egito tornam-se escravos. Surge um pequeno povo. Javé, o "Eu Sou o que Sou", os escolhe como seu povo. Um êxodo de libertação os conduz para fora da escravidão do Egito, para o deserto. Aqui Deus faz uma aliança com eles: eles se tornam um povo de reis e sacerdotes.

Um novo começo com um povo inteiro. Moisés é seu rei, sacerdote e profeta, que os conduz, que intercede por eles diante de Deus e que lhes transmite as palavras de Deus. A Lei, os Dez Mandamentos, faz parte da aliança. Mais tarde, essa será apenas a Antiga Aliança. Como no começo,

também agora acontece uma ruptura. O povo de Deus faz para si um deus visível, um bezerro de ouro. O idílio é perturbado. Transgressão e pecado no povo de Deus exigem reparação e perdão. É instituído um serviço de sacrifícios.

Como reis e sacerdotes e como nação escolhida, eles eram modelo para os povos do mundo e, com isso, indicadores do caminho, ou podiam sê-lo. Eram eles que serviam ao Deus Criador vivo, o conheciam e deviam irradiar o seu ser e a sua realidade, enquanto viviam como sacerdotes na sua presença, como outrora Adão e Eva no Éden.

A história deles continua, assim como a nossa também. Estabelecem-se na terra de Canaã. Leva anos até que encontrem descanso.

Então, algum tempo depois, lê-se: cada um fazia o que achava mais reto. Pois não havia rei na terra.

E mesmo quando se é rei ou se tem um rei, e o povo inteiro é formado por reis e sacerdotes, isso não é automaticamente como Deus o pensou. Assim como no começo a imagem de Deus sofre dano pelo pecado, assim também quando reis e sacerdotes pecam. Conhecemos isso, quando reis e rainhas não estão à altura do seu papel e da sua dignidade. Ser algo, ter um título, é uma coisa. É difícil conosco, seres humanos. Em nós atua uma espécie de força da gravidade que se chama pecado. Não estamos apenas entregues a ela, muitas vezes somos seus cúmplices. Precisamos de ajuda. Salvação e libertação.

Salmo 139; Hebreus 1:3; Atos 17:27-29; Gênesis 4:26; Salmo 10:16; 24:8; 29:10; Isaías 6:1; Gênesis 12:2; Êxodo 12; 19:6; 20.

5 Um rei segundo o coração de Deus

Diversos líderes na historiografia bíblica tinham funções quase reais. Como Abraão, Moisés, seu sucessor Josué ou o profeta Samuel. Mas com a ascensão de Davi chegamos ao protótipo do rei humano. E com isso ele se torna também o modelo e o ancestral do rei que há de vir, que é o tema deste livro.

Apesar das suas fraquezas e deslizes, Davi é descrito como um homem segundo o coração de Deus. Ele se torna o modelo do Messias prometido. Ao se desvendar essa visão profética, fica claro que o rei vindouro não será simplesmente mais um filho de Davi. Será um Davi maior, sim, o Senhor de Davi. Isso soa como um enigma insolúvel. No Rei Jesus, esse enigma se resolve.

Esse novo Davi torna-se a personificação da expectativa messiânica. Ele é o símbolo do tempo messiânico de salvação, que traz libertação. Que voltaria a unir num só reino os reinos divididos de Israel, o do Norte e o do Sul, e faria reviver os velhos tempos. Assim eram as expectativas. O cumprimento seria um pouco diferente. Não porque as predições estavam erradas, mas porque não foram interpretadas corretamente.

Davi é um homem segundo o coração de Deus. Deus o guardou em seu coração. Não porque ele fosse sem falhas ou mesmo sem pecado. Pelo contrário. Na sua vida, muita coisa dá errado. Ele se torna adúltero e assassino, é um pai péssimo. Por que ele tinha uma posição especial diante de Deus? O segredo: apesar de tudo, Davi ansiava por Deus. Em meio às suas derrotas e aos seus fracassos, ele buscava a Deus! Sempre de novo. No fim da vida, estava quebrantado. Ele se submeteu em tudo o que Deus queria. Ele tinha pecado gravemente e teve de provar amargamente as consequências. Por mais frágil que fosse a sua vida, ele tinha experimentado a graça e a bondade de Deus. E podia se apoiar numa aliança, a aliança davídica, que garantia um reino eterno com um novo Davi.

A história de Davi dá coragem a todos os fracassados! E nós nos tornamos parte dessa história. O Rei-Messias que há de vir romperá as fronteiras de Israel. O reino vindouro do Messias encherá a terra inteira.

Quem será aquele que um dia terá um reinado eterno no trono de Davi? Quem será ele, o DAVIDUS REX, o rei davídico? E quando será isso?

1 Samuel 16:13; a história de Davi se encontra em 1 e 2 Samuel e nos livros de Crônicas. Mateus 22:42-45.

6 Esperando o rei: as profecias

Imagine que você pertencesse a uma pequena nação, que tem atrás de si uma história agitada e está no meio de dificuldades. As Escrituras sagradas desse povo guardam muitas promessas de que virá um rei. Alguém insuperável, que tem tudo aquilo com que se sonha, e mais ainda. Essas Escrituras, que surgiram e foram reunidas ao longo de um extenso período, falam disso repetidamente. *A esperança do povo de Israel é o Messias.* A expectativa desse rei é a batida do coração de uma pequena nação. Ela a mantém viva. Uma esperança verdadeira, viva.

Uma coisa falta na expectativa messiânica: ninguém sabe dizer exatamente *quando* ele virá. E ninguém, *como* ele virá. Muitas vezes se fala de poder e glória. Mas também de sofrimento, morte e medo. Como isso vai se cumprir? E as duas coisas podem se tornar verdade ao mesmo tempo? Os textos da Bíblia hebraica geravam expectativas diferentes. Sobre isso havia desacordo, mas não sobre o fato de que ele viria.

Nos dias do nascimento de Jesus, a expectativa messiânica está ao alcance da mão. Para os poucos que são diretamente iniciados, que veem o menino e a mãe, para eles chegou um grande dia.

As expectativas ligadas a esse Rei-Messias não poderiam ser maiores. Israel, ou o que ainda resta dele, faz parte do Império Romano. Não Jerusalém, mas Roma é a capital do mundo. O Messias mudaria isso e viraria tudo de cabeça para baixo. A questão do poder ele resolveria em favor de Israel.

Mas ainda se podia contar com um Messias, com um verdadeiro rei da salvação? O que falava a favor disso? Profecias, isto é, predições, já tinham se cumprido várias vezes na história desse povo. E agora? Afinal, tratava-se da maior de todas as coisas. E mais uma vez se mostraria que Deus não pode mentir. O que ele promete, ele cumpre.

Damos um grande salto, bem para dentro dos dias em que tudo o que foi predito se cumpre.

Mas a ti, Belém, na região do clã de Efrata, o Senhor manda dizer: por pequena que sejas entre as cidades de Judá, de ti sairá o futuro governante sobre o meu povo Israel. Sua origem está num passado remoto, nos dias da antiguidade.

Miqueias 5:2

Algumas profecias: Gênesis 49:10; Números 24:17; Isaías 7:14; 9:7; 11:1; 40:3-5+11; 53; Jeremias 23:5-6; Miqueias 5:2; Oseias 11:1; Malaquias 3:1; Salmo 118:22; Zacarias 9:9; 12:10; 13:7; Salmo 2; 16:10; 30:3; 110:1 e muitas outras.

7 O evangelho do imperador Augusto

A palavra evangelho soa cristã. Mas nem sempre foi assim. Não é uma invenção da igreja. Era uma palavra comum para uma boa notícia de qualquer tipo ou de qualquer conteúdo. Sobretudo o culto romano ao imperador usa esse termo como uma boa mensagem sobre o imperador, seu nascimento e seus atributos extraordinários para bênção do império e de sua gente. É o que diz a famosa inscrição de Priene. O imperador Augusto nasceu. Esse evangelho se espalha como boa-nova no Império Romano a respeito do primeiro e maior imperador romano da história:

> *"Este dia deu ao mundo inteiro uma outra aparência; ele estaria entregue à ruína, se no agora nascido não tivesse resplandecido para todos os homens uma felicidade comum. Julga com acerto quem reconhece neste dia de nascimento o começo da vida e de todas as forças vitais para si; agora, enfim, passou o tempo em que se tinha de lamentar ter nascido. De nenhum outro dia o indivíduo e a coletividade recebem tanto bem quanto deste dia de nascimento, igualmente feliz para todos. A Providência, que governa sobre tudo na vida, encheu este homem de tais dons para a salvação dos homens que o enviou a nós e às gerações vindouras como salvador; ele porá fim a toda contenda e dará a tudo uma forma gloriosa. Na sua aparição cumpriram-se as esperanças dos antepassados; ele não só superou todos os benfeitores anteriores da humanidade, como também é impossível que algum dia venha alguém maior. O dia do nascimento do deus trouxe ao mundo as boas-novas [evangelhos] ligadas a ele. A partir do seu nascimento deve começar uma nova contagem do tempo."*

Textos desse tipo precisam ser lembrados quando se quer entender como um leitor antigo entendia o título de outra obra literária: o Evangelho de Marcos se chama *evangelho.* Marcos coloca Jesus e a sua vida ao lado do imperador. Ele coloca os leitores e ouvintes do seu evangelho diante de uma escolha.

O que devia valer para Augusto valia também para Jesus e o seu reino. Não só o termo evangelho era marcado pelo culto ao imperador. O mesmo vale para o mais importante de todos os títulos cristológicos, "SENHOR" (em grego: kyrios), e, por fim, também para o termo "Filho de Deus".

A expectativa messiânica dos judeus vê chegar um soberano que supera a todos e a tudo. Jesus de Nazaré é o cumprimento de todas as predições e expectativas.

O que é dito por Augusto e sobre ele nunca pode ser realizado por um mortal. Por isso ele é chamado de deus, ou também de filho de Deus. Mesmo assim ele morreu, como todos os outros. Mas agora vem alguém que também vai morrer. Mas não porque precisa morrer. Ele morre voluntariamente. Pelos outros. E ele é Deus. Sem começo – diferente de Augusto. Pela sua morte ele vencerá a morte, o maior inimigo dos seres humanos. E tirará do mundo a sua causa: o pecado.

Marcos 1:1; João 10:18; Hebreus 2:9-14; João 1:29.

8 O nascimento do Rei-Messias

Todo nascimento é um milagre. Cinco vezes pude presenciar um acontecimento assim. O esforço e a alegria da parturiente se alternam de um momento para o outro. Na Antiguidade, muitas vezes os partos não terminavam bem para a mãe e a criança.

O nascimento deste Rei também é um milagre. Provavelmente o maior que o nosso planeta já viu. O que acontece aqui, que Deus se torne homem, está ordens de grandeza acima da nossa compreensão. Como o próprio Deus, o totalmente Outro e Incompreensível. O próprio Deus se faz pequeno. Reduz-se a cerca de 3.500 gramas. E, no entanto, o Filho de Deus é ele mesmo o Criador e Rei do universo.

Como este Rei deve entrar no nosso mundo? Deus apareceu muitas vezes. Na sarça ardente, de forma aterradora no monte Sinai, muitas vezes como o Anjo do Senhor. Mas essas eram apenas "visitas rápidas". Agora chegou o momento de Deus, ele sempre teve esse propósito: *ele quer habitar e permanecer com os seres humanos*.

Deus se torna homem. De novo, apenas três palavras que dizem tudo. Deus continua sendo Deus quando se torna homem. Mas ele deixa para trás o que faz de Deus Deus, até onde nós, mortais, podemos entender isso: o trono celestial, a onipotência, o domínio. Ele não se apega a isso como a algo que roubou ou a que alguém se agarra.

O momento está firmemente determinado na providência de Deus. Era a plenitude do tempo. Do ponto de vista de Deus, o melhor momento. Do ponto de vista secular, sem importância. O mundo de então não percebe. O imperador Augusto – do seu evangelho já ouvimos – manda recensear e registrar os habitantes do seu império. Para isso as pessoas precisam ir à sua cidade de origem. Depois de uma caminhada de mais de cem quilômetros de Maria, em avançada gravidez, com seu marido José, de Nazaré a Belém, todas as casas estão lotadas. É setembro. Para o jovem casal, José e Maria, já não há lugar com parentes num cenáculo, a área de moradia de uma casa israelita. Mesmo assim, ficam hospedados com parentes. Porém no térreo, onde se recolhem os animais para a noite. A casa já está cheia. Os homens são mandados embora durante o

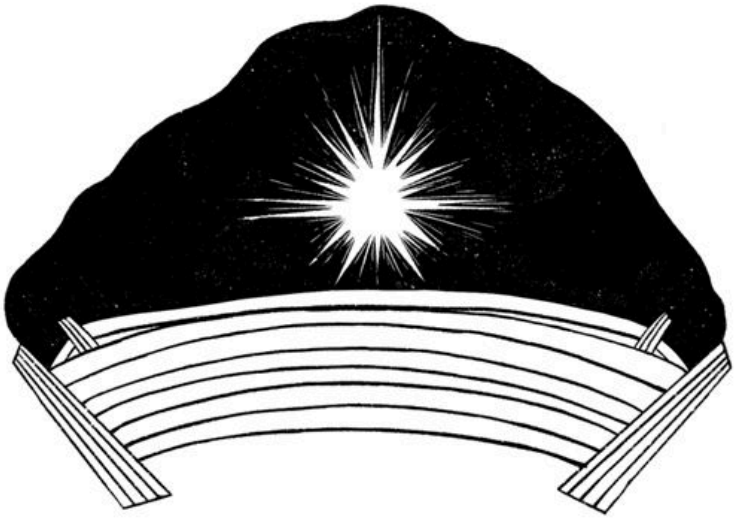
parto. O nascimento acontece imediatamente e corre bem. Então deitam o primogênito numa manjedoura. Uma solução prática. O bebê dorme bem ali. Um lugar improvisado para um parto. Mas, para aquela época e para este casal simples, das condições mais simples, nada incomum. Antes, algo corriqueiro.

Jesus não veio só para os ricos e famosos. Não só para os respeitados e nobres. Ele veio para os "ninguéns". Ele veio para as pessoas a quem os outros nunca dedicariam um segundo pensamento. Os comuns. Os discretos e despercebidos. Os esquecidos e ignorados. Isso já se reflete na maneira do seu nascimento. O Criador do universo nasceu nas circunstâncias menos espetaculares. Deus fez algo tão espetacular que, 2.000 anos depois, mal conseguimos captar todo o peso do seu significado: Deus escreve a eternidade no comum.

E isso significa que Deus talvez possa, por meio de Jesus, escrever uma história eternamente espetacular no meio da sua vida comum, entediante, cotidiana e insignificante.

Um rei que entra na vida assim, como um bebê indefeso, que se confia a um jovem casal, esse rei estabelece um sinal. Ele mostra desde o início *como* ele é.

É um acontecimento cósmico: do reino dos partos, antes o território da Babilônia, vêm estudiosos, astrônomos, e seguem uma estrela. Que os conduz exatamente ao lugar do nascimento. Talvez judeus na Babilônia, com as suas Escrituras, os tenham ajudado a entender o que estava acontecendo. Fenômenos que o acompanham, altamente estranhos. Eles não chegaram a Belém um dia depois do nascimento. Só meses depois. Encontram o lugar e o menino. Honram esse menino com presentes preciosos. De fato, eles adoraram a criancinha, como se adora a Deus. Os primeiros são partos, não judeus, que adoram o Rei dos judeus.



A isso se soma o tema muito discutido do nascimento virginal. Jesus não teve genitor masculino. José não foi. Isso colocou José e Maria em dificuldades um com o outro, que ninguém lhes invejaria. O céu faz de tudo para que José entenda o que está acontecendo. Consegue-se convencê-lo de que tudo está em ordem.

Tanto não cristãos como cristãos consideram o nascimento virginal uma metáfora ou uma fábula. Eu não. No nascimento virginal não se trata da constituição biológica e física de Maria. O milagre é a ação criadora sobrenatural de Deus. O Espírito Santo produziu a gravidez de Maria. A "geração" de Jesus, a encarnação, aconteceu pelo Espírito Santo, pelo poder do Altíssimo. Gerado e concebido foi o *Filho de Deus*. Isso ele é como homem e, ao mesmo tempo, como Deus. Um mistério. Tinha de ser assim, para que ele fosse o *Santo*. Sem pecado. Para nos salvar dos nossos pecados.

O importante é: o Rei quer nascer dentro da nossa vida. O abrigo mais simples lhe basta. Ele não precisa de palácio. A nossa vida, com toda a sua tralha, não é digna de que o Rei entre nela. E mesmo assim ele entra, porque nos quer. Mesmo assim ele entra, quando o deixamos entrar.

Escrevi este texto na época do Natal. A minha canção preferida tem este refrão, não conheço outro melhor:

Ó vinde, adoremos
O Rei.
Rei da glória
Senhor dos exércitos
Adeste fideles, Friedrich Heinrich Ranke

E ainda que Cristo nascesse mil vezes em Belém, e não em ti: tu permanecerias perdido por toda a eternidade.

Angelus Silesius

João 1:1-2+14; Êxodo 3:1-6; 19:16-25; Apocalipse 21:1-3; Filipenses 2:5-10; Gálatas 4:4; Lucas 2:1-7; Mateus 2:1-18; Lucas 1:35; Salmo 2; João 3.

9 A origem e a missão do Rei

Por muito tempo Israel, ou o que ainda restava dele, não tinha visto um rei. Quem agora o era, era um edomita, Herodes. Nada estava como devia estar neste pequeno país sob a administração de Roma. O verdadeiro rei de Israel tinha de comprovar por genealogia que era descendente de Davi. Isso não seria problema, Jesus era descendente da tribo de Judá, um descendente da família de Davi.

Jesus existia antes do seu nascimento. O seu nascimento não foi um renascimento no sentido do budismo. Ele existia como Filho de Deus, sem começo, sem nascimento. Ele é eterno. Por meio dele o universo foi criado. A terra e os seres humanos.

O Filho foi enviado a Israel, ao próprio povo de Deus. Ele era o anseio desse povo, que esperava o seu Messias. Assim disseram os profetas. E assim aconteceu. Por muito tempo fica oculto que Jesus, Filho de Davi, é ao mesmo tempo o eterno Filho de Deus. O Messias leva a história de Israel e as suas profecias ao cumprimento. Nós, os europeus e as nações do mundo, somos, a princípio, apenas espectadores. Jesus é um dos muitos profetas por meio dos quais Deus falou ao seu povo. Ele é o último da longa série de profetas, o definitivo e o maior. O próprio Deus fala, porque Jesus é Deus.

Jesus vem com uma vocação. Ele vem ao mundo com uma missão. Ele será o Messias, o Rei de Israel. Ele vem para redimir o povo dos seus pecados. Não dos romanos.

Ao enviar o seu Filho, Deus estabelece Jesus como o Messias, o "rei ungido". Em Jesus Cristo, Deus inaugurou e estabeleceu o seu reino, o reinado de Deus; no seu reino, Jesus governa – o Rei. Repetimos isso mais uma vez: a ideia do rei e do reinado está ligada à criação original. Deus queria que as suas imagens, Adão e Eva, governassem neste mundo. Eles falharam nesse papel, assim como muitos reis mais tarde. Então Deus enviou o seu Filho, para que ele governasse. Para sempre. Assim como Deus sempre tinha imaginado o governar.

Como seu Rei, Messias e Senhor, o Filho agora comissiona a igreja, e com isso se referem todos os cristãos, não importa de que confissão. Ela é chamada a testemunhar isto diante do mundo: que Jesus é o verdadeiro Rei, que há de

voltar, e que só nele há redenção. A igreja é chamada a encarnar, como povo de Deus, esse reino – o domínio de Deus. Por meio dela, o domínio de Deus se torna visível.

Não o imperador, mas *Jesus* é o verdadeiro Filho de Deus. Ele vem de uma casa real muito mais antiga do que Roma. Ele vem da casa do rei Davi. A este foi prometido um sucessor que se sentará para sempre no trono de Davi. Esse não foi Salomão, o filho de Davi. Esse é Jesus, da árvore genealógica de Davi. Portanto, também filho de Davi. Essa é a condição para que a promessa de Deus se torne verdade. E ela se tornou: em Jesus, a promessa está cumprida.

Essa mensagem já foi anunciada antes pelos profetas de Deus, e eles a escreveram nos livros sagrados.

Essa mensagem trata dele, o Filho de Deus. No plano humano, ele é descendente do rei Davi.

E, ao mesmo tempo, ele foi constituído Filho de Deus. Isso aconteceu pela ação poderosa do Espírito de Deus, que desdobra a santa realidade de Deus, e se mostra pela ressurreição de Jesus, o Messias, nosso Senhor.

Romanos 1:2-4

Mateus 1:1-17; 2:1-15; Lucas 23:8-15; João 1:1-3; Colossenses 1:16; Hebreus 1; 10:5; João 12:27; 2 Samuel 7:12-16; Romanos 1:1-7.

10 A vida do Rei

Viver como um rei, "como Deus na França"! Um ditado que não se aplica ao Rei que está aqui em foco. Assim como ele entrou na vida, em condições pobres, sem honra real, assim ele viveu a sua vida. Uma vida curta, 33 anos de trabalho duro e renúncia.

É possível resumir uma vida assim neste capítulo com cerca de 700 palavras? Definitivamente não. São apenas alguns fragmentos de pensamento que fazem brilhar a sua vida real. Junto com isso, a pergunta que guardamos no fundo da mente: e se a nossa vida fosse resumida em 700 palavras? O que fica? Depois de duas ou três gerações, alguém ainda se lembra de nós? Eu nem saberia como se chamava o meu bisavô, se não perguntasse.

Muitos pensam muitas vezes só na manjedoura e na cruz quando se trata de Jesus. Mas o tempo entre as duas deve ser igualmente importante. Senão, ele não teria existido. A vida do Rei é tão importante quanto a sua morte. Essa vida é tão única quanto preciosa, tão pura e boa que a morte de Jesus é indescritivelmente triste. Como uma vida tão inocente pôde terminar assim?

A missão de Jesus é redimir o seu povo Israel e todos os seres humanos dos seus pecados. Anunciar o Reino de Deus. Este tinha sido inaugurado com a sua chegada. O Rei estava ali. E com ele o poder da libertação. Não dos romanos, os ocupantes de Israel. Não. Libertação dos poderes malignos que escravizam as pessoas. Esses poderes invisíveis eram e são mais devastadores do que a força de ocupação romana. Também libertação de doenças incuráveis que atormentam as pessoas e as excluem da vida social. Libertação também da falsa santidade, da piedade legalista e hipócrita. Da erudição das Escrituras sem amor e sem vida. Libertação de falsas expectativas. Do egoísmo. Da incredulidade. Por último, mas não menos importante, de nós mesmos.

Tudo isso marca a vida do verdadeiro Rei. Certa vez chegou-se ao ponto de os judeus quererem fazê-lo rei. Mas Jesus se retirou. Ele conhecia o coração das pessoas e os seus motivos. Para o *seu* reino são necessários corações renovados. Corações que tenham o batimento do coração de Jesus. Que estejam dispostos a servir e a seguir o caminho mais baixo.

A vida terrena de Cristo permanece em grande parte oculta até os seus trinta anos. Uma vida comum e cansativa de trabalhador com os seus irmãos. Como artesão da construção. Aqui Jesus não aprende só o ofício. Ele aprende a obediência, que não conhecia na terra de onde vinha. No céu, Pai, Filho e Espírito, o Deus triúno, estavam unidos em eterna harmonia de amor e alegria. Na terra, Jesus, o Filho, entregou-se a uma vida dura. Quem sabe quando ele começou a trabalhar na construção? Ele era o primogênito. De José, o marido de Maria, não ouvimos mais nada. Talvez Jesus tenha assumido a responsabilidade pela família.

Essa vida, Jesus a deixou para trás aos 30 anos. No rio Jordão, ele se deixa batizar por João Batista, aquele que lhe tinha preparado o caminho. Então começa o seu ministério público. A sua missão de Messias. Tudo isso está registrado em quatro histórias de vida ou biografias. Mateus, Marcos, Lucas e João. Vale a pena ler esses *evangelhos*, assim se chamam os quatro relatos. Sempre e sempre de novo. Juntos, eles são o evangelho do Rei-Messias.

A sua *vida* é uma mensagem. A sua pregação, as suas palavras são tão cheias de poder, autênticas, próximas da vida, sábias, que as pessoas mal encontram palavras de tanto espanto. Ele cura paralíticos. Faz os cegos verem. Mortos são ressuscitados. Demônios fogem. O Rei sai e toma posse da terra. Diferente de um senhor da guerra. A sua sabedoria e a sua verdade são irresistíveis. O poder do seu amor conquista corações humanos. Até hoje.

Ele é um de nós e, no entanto, totalmente diferente. Uma vida sem luxo. Cheia de renúncia. Sem casa própria. Constantemente vigiado com desconfiança e atacado por líderes religiosos e fariseus. Seguido por muitas pessoas. Por motivos diversos. Ele saciou muitas pessoas com pão, que multiplicou milagrosamente. Mas sempre lhe importavam os corações, a orientação mais íntima da vida, de que Deus tanto precisa como alvo. Importavam-lhe corações que são puros ou devem se tornar puros.

Com compaixão ele toca pessoas com doenças incuráveis, que são curadas imediatamente. Um toque deste Rei muda tudo. Deixemo-nos tocar por este Rei. Ninguém que veio a ele e que hoje vem a ele foi ou será jamais rejeitado por ele.

Just one touch from the King changes everything!
Um toque do Rei muda tudo!

João 21:25; 1 Pedro 2:22-24; Mateus 1:21; Marcos 1; João 6:15; Hebreus 5:8; Marcos 6:3; Marcos 9:15; 10:26; Lucas 4:32; 8:25; 9:43; Mateus 8:20; Lucas 5:13; 22:51; Marcos 6:56.

11 A boa notícia do Rei

O primeiro ato oficial do Rei é a proclamação, a pregação do evangelho. Proclamação e cura são o seu dia a dia. Ele não comanda um exército, as pessoas simplesmente o seguem e o escutam.

Como é comum com reis, primeiro chega uma delegação para preparar a visita real. É João, chamado o Batista, que prepara o caminho do Senhor, do Rei e Messias. A sua mensagem: não são as ruas e as casas que devem ser limpas, mas os corações. As pessoas devem se arrepender, devem se converter e mudar de vida. Um profeta do deserto, com manto de pelos de camelo, como precursor, anuncia um rei que não vem com brilho e glória.

Conversão é também a mensagem de Jesus. Quando João vai para a prisão, Jesus continua o seu ministério. Ele proclama o evangelho do Reino de Deus: arrependam-se e creiam no evangelho! O reinado de Deus que se aproxima é a resposta para todos os problemas deste mundo. Só o reinado de Deus traz paz, cura, perdão, liberdade, segurança, prosperidade e estabilidade. O reinado de Deus, encarnado em Jesus, o Messias, é a sua resposta à ditadura dos reinos deste mundo e ao seu fracasso, assim como à dos soberanos invisíveis, que exercem do mesmo modo o seu poder. Isto é, poderes e autoridades do mundo do além, que atuam sobre o nosso mundo visível para destruir as pessoas.

Jesus é o Rei deste reino, enviado e constituído por Deus. Ele mesmo, em sua pessoa, encarna a mensagem do reino, o evangelho. Não é à toa que os quatro relatos de vida do Novo Testamento se chamam evangelho. A sua vida, os seus atos e as suas palavras são a boa notícia. E eles dizem aquilo que os apóstolos escreveram mais tarde nas suas cartas.

Quando Jesus deve curar o paralítico que é baixado através de um telhado até os seus pés, ele diz algo inesperado. Alguns provavelmente o achavam capaz de curar o paralítico, senão não teriam vindo. Mas Jesus primeiro lhe diz: *os teus pecados estão perdoados!* Os pecados são um problema maior do que ser paralítico. Jesus traz sobretudo a solução do problema do pecado. Isso é evangelho. O anjo disse a José, o marido de Maria:

Ele salvará o povo dos seus pecados!

Com Jesus, sem nenhuma dúvida, a boa notícia tinha chegado de verdade. Jesus era aquilo que dizia. Palavras e vida eram uma coisa só.

"Assim Jesus foi também a Nazaré, onde fora criado. No sábado, segundo o seu costume, entrou na sinagoga. Levantou-se para ler a Escritura."

E lhe entregaram o livro do profeta Isaías. Ele o abriu e leu o lugar onde está escrito:

"O Espírito do Senhor está sobre mim, pois o Senhor me ungiu. Ele me enviou para evangelizar os pobres, para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor."

Jesus fechou o livro, devolveu-o ao assistente da sinagoga e sentou-se. Todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele.

Ele começou a falar. "Hoje se cumpriu esta Escritura", disse-lhes. "Vós sois testemunhas."

O evangelho, que o próprio Jesus era e anunciava, conduz à luz, à vida eterna. Para deixarmos para trás o que é velho, os pecados e a morte.

"Em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna. Não entra em juízo; já passou da morte para a vida."

A boa notícia e Jesus são uma coisa só – não se pode ter uma sem a outra. Onde o evangelho é anunciado, Jesus é anunciado.

O evangelho de Jesus, nós o resumimos assim: ele ...

estabelece a justiça, destrói a escravidão, combate a pobreza, cura doenças, perdoa dívidas, purifica do pecado, dá vida eterna, acolhe o marginalizado, levanta do status social mais baixo e faz valer plenamente a verdade de Deus.

Mateus 3:1; Marcos 1:4; 8:28; Lucas 3:1-18; Efésios 2:1-3; Colossenses 1:13; 2:15; Marcos 2:1-12; Mateus 1:21; Lucas 4:16-22; João 5:24.

12 O regicídio: a cruz

O evangelista João descreve Jesus como rei. Mais do que os outros evangelistas. Sobretudo onde não se espera. Onde isso não combina de jeito nenhum. Isto é, na paixão de Jesus, na história do seu sofrimento, na sua prisão, no processo da sua condenação e, por fim, na sua morte na cruz.

Essa paixão é horrível. Injusta. Desavergonhada. Brutal. Desumanizante e bestial. Mas através dessas trevas a fé reconhece a entronização do verdadeiro Rei. Com duplo sentido, a história da paixão testemunha a glorificação, a exaltação do Rei-Messias.

Jesus, o Filho de Davi, vai ao jardim do Getsêmani. Quando Jesus pergunta aos soldados a quem procuram, eles são derrubados pela sua resposta como por uma rajada de vento, quando ele diz: "Sou eu." É como se estivessem prostrados aos seus pés, aos pés do Rei.

Com dignidade real e determinação, Jesus não se defende com a espada, como o seu discípulo Pedro. Beber o cálice do Pai é o que conta para Jesus, o Filho: a tua graça, ó Deus, é melhor do que a vida, como disse Davi certa vez. Um cálice, para ele cheio de sofrimento, para nós, na Ceia do Senhor, um cálice de ação de graças.

Jesus é levado a Anás, o sogro do sumo sacerdote. O genro dele, Caifás, tinha dito certa vez – com faro político, mas sem conhecer o alcance das suas palavras: é bom que alguém morra pelo povo. Que verdade. Um verdadeiro rei morre pelo seu povo!

Do pequeno mundo oprimido dos judeus, Jesus é agora levado para o universo do império mundial de Roma. Pilatos, o governador romano, tem o poder e lhe pergunta sem rodeios, quando os dois provavelmente estão a sós: tu és o rei dos judeus?

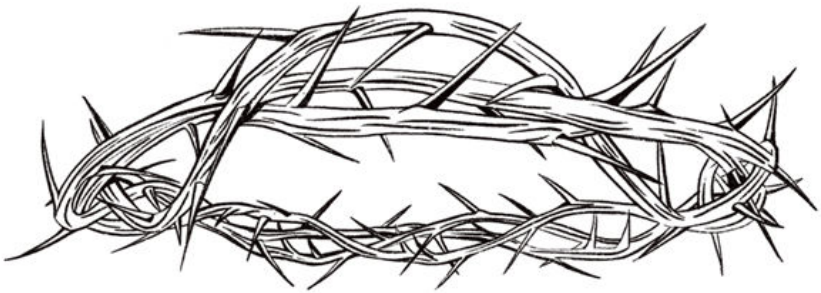
Jesus confirma que é rei. Porém de um reino que não é deste mundo. Um reino que está acima de toda pretensão política, um reino que não conquista o mundo pela força das armas, como os romanos. Um reino do mundo celestial. Com outras leis. Um reino que, na pessoa do seu Rei celestial, se deixa esmagar pela violência brutal de um reino terreno. Pelo menos era o que parecia.

Para Pilatos está claro: este é o rei dos judeus. É espantoso o faro que Pilatos demonstra. Ele, o romano e adorador de ídolos, por assim dizer o faz rei dos judeus. Ele diz abertamente à multidão: "Eis aqui o vosso rei!" Ele manda até pregar uma placa real no alto da cruz. Todos devem saber exatamente isso. Os líderes de Israel e acusadores de Jesus são provocados por Pilatos ao extremo. Pois eles querem a sua morte, sim, a sua morte na cruz.

Pilatos, sem saber, defende a verdade sobre Jesus: Jesus não tem culpa nenhuma e ele é o rei deles. Os judeus escolhem o imperador de Roma. A Jesus, o seu verdadeiro Rei, eles rejeitam.

A próxima coisa que vemos é Jesus com uma coroa de espinhos e um manto de púrpura avermelhado, que lhe põem sobre os ombros. A caricatura sangrenta do Rei que veio para dar testemunho da verdade. Majestade coroada de espinhos.

Até o Gólgota ele mesmo carrega a sua cruz. Ali lhe arrancam as roupas do corpo. Pregam-no na cruz. Levantam-na. Ele é exaltado, como ele mesmo anunciou. O Rei é entronizado no seu trono: um poste de tortura, uma cruz de madeira.



Um homem nu, ensanguentado, desfigurado, cheio de dores. O seu brado, antes de expirar, é real, libertador e redentor para ele, para todos, para nós: *está consumado!*

Entregue por nós. É este Crucificado que nos atrai a si. Não Pilatos, nenhum imperador, mas Jesus, o Rei-Messias! Este homem neste lugar de execução se torna o nosso refúgio, o nosso lugar de expiação. Aqui o seu sangue cobre os nossos pecados e estabelece a paz com Deus, a reconciliação pelo sangue da sua

cruz. A paz com Deus, e também entre nós, seres humanos, agora se torna possível. A mão ensanguentada e traspassada de Deus está estendida!

Este é o verdadeiro Rei do mundo, o Rei do céu, o soberano de todo o mundo e Senhor dos senhores! Quem está disposto a abrir mão do seu poder, a trocar o trono pela cruz por nossa causa, esse é digno da nossa adoração. Quem, além disso, ainda intercede junto a Deus, junto ao seu Pai, pedindo perdão para os seus assassinos, nos deixa sem palavras. Merecemos um Deus assim?

Uma cruz demonstra o poder dos romanos e a destruição, o aniquilamento, sim, a extinção dos crucificados e de toda lembrança deles. Os fortes vencem os fracos. Em fraqueza Jesus foi crucificado. Para Deus, o soberano do universo, essa é a vitória. Por mais paradoxal que pareça: a vitória do amor.

A cruz é e continua sendo um escândalo. Como sinal da fé cristã, ela continua sendo isso. É uma insensatez e uma tolice fazer de uma cruz e do Crucificado o fundador de uma religião. Nada nisso pode ser embelezado ou romantizado. É tão bizarro, tão contraditório, tão de cabeça para baixo. Mas para todos os que creem que neste madeiro da vergonha a sabedoria e o amor de Deus encontram o seu ponto culminante, a cruz, e o que ali aconteceu, é o poder de Deus para a salvação. Para o resgate! Um Deus sofredor, um Deus crucificado é uma loucura, mas ao mesmo tempo a mensagem que diariamente toca pessoas, as transforma e as torna pessoas novas.

A história de José é uma prefiguração do Messias – seus irmãos o lançam numa cova, vendem-no para o Egito, onde ele, por desvios dolorosos, se torna vice-regente, assim como Cristo.

Quando José chegou a eles, despiram-lhe a túnica, a túnica esplêndida que ele vestia. Então o agarraram e o lançaram na cisterna. A cisterna estava vazia; não havia água nela.

Gênesis 37:23+24

João 18 + 19; Mateus 26:36–27:56; Marcos 14 + 15; Lucas 22 + 23; Romanos 3:21-26; 2 Coríntios 13:4; 1 Coríntios 1:22-24; Colossenses 1:20; Efésios 2:16; Filipenses 2:8.

13 Que rei

(Canção na versão original em alemão)

Was für ein König, der sein Land verlässt für mich. Und alles hingibt, was ihm lieb und wichtig ist. Der sich aufmacht und weit in die Fremde zieht, um zu suchen die, die er von Herzen liebt. Der nicht ruht bis auch der letzte seiner Freunde bei ihm ist, der voll Sehnsucht und voll Freude mich in die Arme schließt.

Wer so ist, der ist wahrhaft königlich. Diesen König liebe ich.

Was für ein König, der ein großes Festmahl hält für all die Schwachen und die Armen dieser Welt. Der uns seine Brüder, seine Schwestern nennt, weil er wie wir das Leben hier auf Erden kennt. Was für ein König, der aus Liebe seine Krone niederlegt und sie eintauscht gegen eine, die aus Dornen ist.

Was für ein König, der sein Leben für mich gibt, wo ich doch nicht von edler Herkunft bin. Was für ein König, der dem Tod ins Auge sieht und ihn als Erster ein für alle Mal besiegt. Was für ein König, der den Weg geht, der noch nicht gegangen ist, weil dieser Weg für uns der Weg in die Freiheit ist.

Lothar Kosse, 2011, com sua gentil permissão.

14 O Rei no túmulo

Um rei é sepultado de modo especial. Com uma grande procissão e um túmulo digno. Criminosos crucificados são deixados pendurados na cruz por dias, para intimidar. Depois terminam numa vala comum, não muito longe da cruz. Os seus corpos são tratados como carcaças de animais. Na cruz, essas pessoas são quebradas. E toda lembrança delas é apagada.

Mas aqui está pendurado o Autor da vida. Morto junto com dois criminosos. O que acontece agora com ele? No drama da crucificação há um pequeno raio de luz. José de Arimateia, membro do Sinédrio, é um discípulo secreto de Jesus. Agora chegou a sua hora. Agora ele prova que é um discípulo de Jesus. Como homem abastado, ele tinha se precavido e adquirido um túmulo para si. Um túmulo escavado na rocha, com uma grande pedra de toneladas diante dele. Ela é rolada por um sulco no chão diante da entrada do túmulo.

José cria muita coragem, vai até Pilatos e pede o corpo. Este, surpreso com a morte rápida de Jesus, concorda. José tira o corpo da cruz. Se sozinho ou com ajudantes, não se sabe. Ele envolve Jesus num lençol de linho. Tem de ser rápido, o sábado começa ao anoitecer. Ele coloca Jesus no seu próprio túmulo e conta com o fato de que precisará de um novo para si.

Muitas predições (profecias) se cumpriram na vida e na morte de Jesus. Uma particularidade que não se aplica a nenhum outro ser humano. Até do sepultamento se escreve centenas de anos antes: designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte.

Muitas vezes, quando os apóstolos contam o evangelho, mencionam sempre que Jesus não só morreu, mas também foi sepultado. Ninguém deveria descartar isso como algo secundário. Pois quem está sepultado está morto. Não inconsciente. Não em morte aparente. Todas as funções do corpo cessaram irreversivelmente. O capítulo Jesus está, por enquanto, encerrado com o túmulo.

Se com a sua morte na cruz tudo parecia acabado, tanto mais com o seu sepultamento. O túmulo foi então selado pelos romanos e vigiado por uma unidade especial. Os escribas judeus precisavam ter certeza de que os discípulos de Jesus não viriam roubar o corpo. Mas deles vinha pouco perigo, eles tinham fugido. Diferente dos discípulos, eles se lembravam de que Jesus algumas vezes

tinha falado da sua morte violenta, mas também da sua ressurreição. Havia algo no ar. Será que ainda iria acontecer alguma coisa?

No antigo Credo cristão se diz: "sepultado, e desceu ao reino da morte". O Autor da vida irrompe no baluarte invencível da morte, morrendo ele mesmo e estando morto. Mais tarde Jesus diz de si mesmo: eu estive morto.

O que aconteceu então além da morte, quando ele desceu ao reino da morte, não tem menos importância do que o que aconteceu na cruz. Mas o certo é que também isso aconteceu por nós. Por seres humanos mortais, para que vivamos, junto com ele.

Ele foi maltratado, mas suportou tudo sem se queixar. Como um cordeiro que é levado ao matadouro, como uma ovelha quando é tosquiada, ele suportou tudo em silêncio, sem se queixar.

No meio do tempo da sua prisão e do seu julgamento, a morte o alcançou. Porque o seu povo tinha carregado sobre si uma culpa tão grande, a sua vida foi exterminada. Quem, entre as pessoas desta geração, pensa nisso?

E designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, porque não cometeu injustiça, e não houve engano na sua boca.

Isaías 53:7-9

Atos 2:22-46; 3:15; Hebreus 2:10; Mateus 27:57; Marcos 15:43; João 19:38; Isaías 53:9; 1 Coríntios 15:4; 1 Pedro 3:18-22

15 O Rei no reino da morte

Também reis precisam morrer. Este Rei de quem falamos aqui sofreu uma morte torturante. Ele foi executado violentamente na cruz. Depois foi colocado num túmulo escavado na rocha, que foi fechado com uma grande pedra.

O ser humano é mais do que o seu corpo. Depois da morte ele continua vivendo. A sua consciência, a sua alma-espírito não pode ser morta. A alma-espírito corresponde ao ser humano inteiro, ele permanece e é uma pessoa completa no além. Sem corpo material e mortal. Também fora da fé cristã há incontáveis indícios, para não falar de provas, de que um ser humano pode existir fora do seu corpo e perceber com todos os sentidos o ambiente do mundo invisível e do além.

Esse além é o reino da morte. Na Bíblia hebraica ele é chamado de *Sheol*. No Novo Testamento, o mundo inferior, onde ficam os mortos, se chama *Hades*. Ali há a área para os justos e a área para os injustos. A primeira é chamada de "*seio de Abraão*". Depois há uma *área mais profunda*, na qual são guardados os anjos rebeldes e caídos que se misturaram com os seres humanos antes e durante o tempo de Noé. Eles tiveram papel decisivo em que os seres humanos caíssem em pecado a tal ponto que Deus pôs um ponto final com o Dilúvio. Assim relata o primeiro livro de Moisés. A igreja antiga proclama no seu Credo, que até hoje, todo domingo, é pronunciado em voz alta inúmeras vezes por cristãos em conjunto: *desceu ao reino da morte*. Exatamente para lá, ao mundo inferior, que nos está oculto e só pode ser alcançado pela morte, para lá ele desceu e entrou, o Cristo, o Rei.

Talvez isso pareça estranho e antiquado ao leitor. Mas a visão de mundo da Bíblia é bem simples: há o mundo criado visível e o mundo criado invisível. O mundo invisível inclui o céu, onde Deus habita e reina. Isso é explicado com palavras e conceitos que conhecemos do mundo visível, para que possamos, de algum modo, imaginar esse mundo que nos está mais ou menos oculto. O céu de Deus fica *em cima*. O mundo inferior, o reino da morte, está sempre *embaixo*, *debaixo da terra*. Debaixo da terra não significa apenas o túmulo, mas o mundo inferior invisível do além, onde estão os mortos.

Embora o seio de Abraão seja um lugar de descanso, a Bíblia hebraica, ainda assim, não descreve o Sheol como um lugar para onde se gostaria de ir porque lá seria tão bom. *O Sheol representa a morte e também o poder da morte, que Deus nunca quis.*

O Novo Testamento chama o mundo inferior de Hades. Esse lugar também se chamava assim na mitologia grega. Mais tarde, Hades passou a ser o soberano do mundo inferior. Esse lugar deve ser distinguido do inferno. Hades e inferno não são a mesma coisa.

Voltemos àquele dia da crucificação e ao sepultamento de Jesus. Visto de fora, tudo ficou quieto, o corpo martirizado de Jesus repousava no túmulo. O sábado começou. *Mas o Rei não repousava.* Coisas tremendas aconteceram no mundo inferior. *O Rei desceu.* Só como alguém que morreu ele podia descer a esse reino da morte. E encontrar o príncipe da morte. Ele desceu à cova da antiga serpente e lhe esmagou a cabeça. Ele dominou o valente para saquear os seus bens. Para libertar os cativos.

Não foi para continuar sofrendo que ele desceu ao Sheol, mas para vencer, para libertar e para proclamar.

Ele desceu à prisão mais profunda, até os príncipes angélicos caídos. A eles não anunciou uma mensagem de salvação, mas uma mensagem de vitória. Eles deviam saber que o seu plano e o do seu príncipe das trevas não tinha dado certo. *A morte dele significava a morte deles. A morte dele, que todos os poderes das trevas tinham tramado, não foi a sua vitória. Foi a sua derrota.* Inesperadamente para eles, encontram agora o Vencedor no lugar onde nunca o teriam esperado, e ouvem da sua boca que chegou a salvação para os seres humanos. Não a ruína dos mortais junto com os poderes das trevas, mas vitória, salvação e vida eterna estão agora consumadas e prontas para pecadores. Para pecadores que não as mereceram, mas dos quais o Rei se compadece.

No Sheol ou Hades estavam também todos os que tinham temido a Deus e que tinham morrido até aquele dia da crucificação. Estavam no reino da morte, mas não no paraíso celestial. *Agora o Rei prometido vem até eles, até Abraão, Davi, Jó e todos os outros. O Rei da Glória entra e é recebido e saudado por uma multidão incontável. São prisioneiros da esperança!* A esperança deles não é ficar ali. Também o Rei não veio para ficar. Ele veio para tirá-los dali e conduzi-los ao paraíso celestial.

Assim acontece um grande êxodo do Hades para o paraíso ainda no dia em que Cristo morreu. Pois ao ladrão na cruz ele disse com grande confiança: *hoje*

mesmo estarás comigo no paraíso. Esse ladrão segue o grande Rei, que luta pelo seu povo e conduz todos ao santuário celestial, para dentro da presença gloriosa de Deus.

Para trás ficam os escombros do Sheol e aqueles que nele não creram. Talvez, e não está excluído, ele tenha libertado do mundo inferior também aqueles a quem ali anunciou a salvação. Quem o encontra, quem o invoca, não importa onde, será salvo. Ele é rico para com todos, este misericordioso Rei da Glória.

O Rei se fez um com a nossa vida e se tornou homem. Ele viveu a vida que nós deveríamos ter vivido. Ele assumiu a nossa morte, tirou de nós os nossos pecados e os levou ele mesmo para o túmulo. Deus nos credita a morte dele, nós podemos viver. Uma vida nova, eterna, imortal. Ele desceu e quebrou a fortaleza da morte, para que possamos viver. Ele voltou à vida. A morte dele é a nossa morte, e a vida dele agora é a nossa vida.

Cada passo, a vida inteira do Rei, foi necessário para a salvação. Do contrário, ele só precisaria ter aparecido para a cruz. Entre a cruz e a ressurreição, o Rei travou uma batalha pelo seu povo, embora o túmulo na rocha não deixasse transparecer nada disso. A luta no mundo visível tinha sido travada, até a morte. Agora vinha a luta no mundo invisível. Ele saqueou o Sheol e conduziu os cativos para cima, ao monte Sião, o monte de Deus.

E assim, despertado para uma vida nova, ele foi aos espíritos no mundo invisível que, no tempo de Noé, tinham se rebelado contra Deus e que agora são mantidos presos até a sua condenação definitiva, e lhes anunciou a sua vitória.

1 Pedro 3:19-20

Por isso diz: "Subindo às alturas, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens." Ora, isto – ele subiu –, que é senão que também desceu às regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é o mesmo que também subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas.

Efésios 4:8-10

Não temas! Eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, e eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do Hades.

Apocalipse 1:17-18

2 Samuel 22:6; Jó 17:16; Salmo 16:10; 30:3; 68:16-24; 116:3+8-9+15; 118:17-27; Isaías 14:9-15; 38:18; 45:2; Ezequiel 31:16; Oseias 13:14; Zacarias 9:9-12; Mateus 12:28-29+40; Atos 2:22-36 (Salmo 16:10-11); Romanos 10:6-10 (Deuteronômio 30:12-14); Colossenses 1:16; 2 Pedro 2:4.

16 A ressurreição do Rei

Mortos não voltam à vida. Uma regra sem exceção. Nenhuma descoberta especial, todo mundo sabe disso. A morte, a nossa finitude e transitoriedade, não é um horizonte com o qual queremos nos contentar. Muitos sentem que fomos criados para mais do que voltar ao pó da terra. Isso não pode ser tudo.

O Rei foi para a guerra. Sozinho, por incumbência do seu Pai. Por nós. Ele enfrentou o poder da morte. Ele se deixou vencer. Perdeu a luta e, justamente por isso, a ganhou. Ele venceu o poder da morte. Ele transformou a morte em vida. Durante a sua vida, ele trouxe algumas pessoas de volta à vida. Agora ele é ressuscitado dos mortos pelo seu Pai. A regra sem exceção é anulada. Deus, o Pai, não se cala diante da morte do Justo. Ele se calou no Getsêmani, quando Jesus orou para ser poupado desse sofrimento. Ele se calou quando percorreu com o seu Filho o duro caminho do sofrimento. Ele se calou quando Jesus estava pendurado na cruz. Mas então o Pai falou, desdobrou todo o seu poder divino e trouxe Jesus de volta à vida.

A cruz é o "não" cruelmente duro dos seres humanos. A ressurreição é o "sim" demonstrativo de Deus. O seu "sim" a Cristo, à vida e a nós, embora nos comportemos como seus inimigos. Ou sejamos totalmente desinteressados no nosso Criador.

Na morte de Jesus, Jesus enfrenta a inimizade dos seres humanos. E a inimizade dos poderes das trevas e da morte. E se torna o sacrifício substitutivo pelos nossos pecados. Na ressurreição fica selado que a questão da culpa, o problema dos nossos pecados, está resolvida de uma vez por todas. A nosso favor. Na ressurreição, todos os poderes invisíveis inimigos de Deus e dos seres humanos estão vencidos. O caminho está livre para o Reino de Deus! Que Rei sai deste túmulo! O Rei vive! Ele voltou vitorioso dos mortos. O futuro de uma vida nova começou.

Ressuscitado! O próprio Jesus é quem rompe a morte e deixa para trás o túmulo fechado na rocha. Arrumados e dobrados, ele deixa os seus lençóis funerários e entra no mundo da ressurreição. Ele é o mesmo Jesus que os discípulos conheciam. Cicatrizes nas mãos, nos pés e no lado permanecem como lembrança eterna e sinal dos seus sofrimentos e da sua morte por nós. Mas agora

ele vive uma existência nova. Ele passa por portas fechadas, não precisa de tempo para mudar de lugar. Come peixe com os seus discípulos, deixa-se tocar, é e continua sendo para sempre um verdadeiro ser humano.

A pedra de toneladas diante do túmulo é removida. Não para que Jesus possa sair, mas para que os discípulos e as mulheres possam entrar no túmulo vazio.

Essa ressurreição contradiz tudo o que conhecemos. Isso não pode existir! Um conto de fadas? Um mito? Muita coisa foi mobilizada para refutar esse fato histórico. Mas quase nenhum acontecimento da história do mundo está tão bem documentado como este. E isso não deveria nos espantar. Pois com esse acontecimento tudo se sustenta ou cai. O túmulo estava vazio. Testemunhas oculares demais encontraram o Ressuscitado. Discípulos apavorados até a morte se tornaram corajosos confessores de Cristo. Eles não temiam mais a morte. Pessoas demais experimentam hoje Cristo em experiências sobrenaturais de ver e ouvir, que a ciência não consegue explicar.

A ressurreição do Rei-Messias levou a humanidade a uma nova dimensão. Ela tem espaço para todas as pessoas. Ela deixa a morte e a transitoriedade para sempre no túmulo. Diante de nós está uma existência nova. Vida em abundância. Vida eterna e uma nova criação representam aquilo que o nosso Rei conquistou por nós. Arriscando a própria vida.

A sua ressurreição nos arranca para a vida. A vida que vale a pena ser vivida venceu – por meio dele.

Tu, Senhor, não me entregarás ao mundo dos mortos! Não permitirás que eu acabe para sempre na sepultura; pois eu me mantenho fiel a ti!

Tu me fazes ver o caminho da vida. Na tua presença encontro alegria plena; da tua mão me vem felicidade eterna.

Salmo 16:10+11

João 2:22; Atos 2:24 + 32; 3:15; Romanos 4:24 + 25; 6:4 + 9; 8:11 + 34; 10:9; 1 Coríntios 15; 1 Tessalonicenses 1:10; Efésios 2:1-6; Colossenses 3:1; 2 Timóteo 2:8.

17 A subida do Rei

A ascensão do Rei Jesus não é uma fuga. Não é simplesmente uma mudança de lugar: é um acontecimento com consequências tremendas. De fato, não menos importante do que a cruz, o túmulo ou a ressurreição. Sobre esse acontecimento quase não se ouve falar. Ele nos dá um feriado na primavera, também conhecido na Alemanha como *Dia dos Pais*. E, no entanto, esse acontecimento coroa a vida e a morte de Jesus.

"Ascensão" soa estranho. Não foi uma "viagem", pois assim Jesus nunca teria chegado ao destino. Foi uma passagem para o mundo celestial de Deus, para a transcendência, que é totalmente diferente do nosso mundo visível e imanente, mas não está longe dele.

Jesus passou pelos céus num cortejo triunfal. Todos os seres desse mundo do além se curvam. Eles não têm outra escolha. Esse caminho leva até o trono de Deus. Parecido com a sua entrada em Jerusalém, mas, ainda assim, totalmente diferente. Pois a cruz ficou para trás.

Um ser humano abriu e desimpediu para nós, seres humanos, o caminho até o coração paterno de Deus. Ele é o caminho. Agora podemos voltar para casa. O Pai está nos esperando. Ele quer nos receber.

Primeiro *ele* foi recebido lá, como um filho de rei. Por falar em Dia dos Pais: Deus, o Pai eterno, dá as boas-vindas ao seu Filho. Ele o saúda com alegria. O céu se alegra, todos os anjos e seres celestiais. O Filho está de volta. Depois de 33 anos na terra, ele volta ao palácio celestial.

Ele realizou algo difícil. Ele conquistou uma salvação eterna, uma redenção eterna. Uma nova criação nasceu. Pela sua encarnação, pela sua morte e ressurreição. Não é de admirar que ele fosse tão esperado no palácio de governo do universo e que agora seja recebido.

Tudo isso não é conto de fadas. É realidade com grande impacto. As consequências ainda nem podem ser previstas. Nós, seres humanos, somos diretamente afetados.

Para nós, esse acontecimento da ascensão só pode significar fazer como o Pai celestial. Recebamos o Rei Jesus assim como o Pai o recebeu. Esperemos por

ele, recebamo-lo. Ele quer entrar também na nossa vida. Ele está pronto para isso.

Aliás, quando ele subiu assim ao céu numa nuvem diante dos seus discípulos, estavam ali dois homens, dois anjos, que disseram: assim como ele foi agora, com a mesma certeza ele voltará. Visível, nas nuvens.

Subiste às alturas em cortejo triunfal, levaste cativos contigo. Recebeste presentes dos homens, até dos rebeldes. Certamente o SENHOR Deus habitará aqui!

Bendito seja o Senhor! Dia após dia ele leva o nosso fardo; sim, ele, Deus, é a nossa salvação.

Salmo 68:18-19

Marcos 16:19-20; Lucas 24:50-53; Atos 1:4-11; Hebreus 5:10; 4:14.

18 A coroação do Rei

Cerimônias de coroação são solenidades pomposas. Não se economiza em nada. Um acontecimento único para cada rainha e cada rei. Convidados de alto escalão são chamados. O palácio está enfeitado. Mas agora estamos falando do céu. Fora do espaço e do tempo, a nossa imaginação é limitada. Fantasia e ficção científica inspiram a nossa capacidade de imaginar. Mas a entrada, a recepção do Rei-Messias Jesus e a sua festa de coroação na dimensão celestial do além só podem ser imaginadas em parte, se é que podem. Mas são muito reais e têm consequências de longo alcance.

Jesus está coroado de glória e de honra – com uma coroa de vitória! Provavelmente não é uma coroa de ramos de oliveira. É antes uma metáfora com a qual podemos fazer a ligação. A festa da coroação dura dez dias.

Deus, o Pai, o Rei do universo, dá ao seu Filho o lugar de honra mais alto que ele pode conceder. Ele o faz vice-regente. O que ele diz e faz é como se Deus o fizesse. Como outrora José no Egito, como representante do faraó.

A honra conferida pelo Pai celestial não é um favor de família nem uma obrigação. Jesus mereceu esse lugar. Tão fundo quanto ele se humilhou, tão alto ele é exaltado. Um estábulo em Belém, trabalho duro, sem posses, desprezado e, no fim, a cruz. Embora ele seja o Criador, o Rei do céu! Só esse lugar de honra no centro de todo o ser e o mais alto título de honra são dignos dele.

Já o rei Davi escreveu estas palavras misteriosas:

> *Disse o Senhor ao meu Senhor: "Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés!"*

Isso se cumpriu. Se você está lendo isto, não é coisa do passado. Tudo isso tem consequências. Se Jesus foi feito Senhor e Cristo, isso terá consequências. Mais cedo ou mais tarde. Para o nosso planeta, para cada ser humano. Ninguém conseguirá passar ao largo deste Senhor, deste *Lord of Lords*.



Naquele tempo, não muito depois de Jesus ter ido para o céu, os cristãos cantavam nas suas catacumbas e esconderijos canções como estas:

> *Por isso Deus também o exaltou tão incomparavelmente e lhe deu como título de honra o nome que é mais importante do que qualquer outro nome.*
> *E porque Jesus traz esse nome, um dia todos se prostrarão de joelhos diante dele, todos os que estão no céu, na terra e debaixo da terra.*
> *Todos reconhecerão que Jesus Cristo é o Senhor e, com isso, darão glória a Deus, o Pai.*

Ou: *E aquele que desceu também subiu de novo, acima do mais alto de todos os céus, para assim encher o universo inteiro com a sua presença.*

Também: *... da ressurreição de Jesus Cristo, que agora – depois de ter ido para o céu – está sentado no lugar de honra, à direita de Deus, e a quem estão sujeitos os anjos e todos os poderes e autoridades.*

Aliás, assim como na ressurreição, há também testemunhas oculares do Rei-Messias *exaltado*. O antigo zelote Paulo teve de perceber que quem quer exterminar os cristãos ataca o próprio Cristo, o Senhor deles. Foi uma graça imensa que justamente a ele o Cristo aparecesse. Não para o juízo. No caminho para Damasco, Paulo de repente se vê no esplendor da luz da sua glória celestial. Como num palco, sob a luz dos holofotes. Consequência: cegueira. Três dias depois ela é curada. A consequência desse encontro: Paulo está completamente transformado. Imediatamente, tão depressa quanto lhe é possível, ele anuncia Jesus como o Messias e Senhor. Ele tinha entendido de repente que essa pessoa

era o Messias, como descrito e anunciado nas profecias. De uma vez, tudo se encaixava para ele.

Outra testemunha ocular, ainda antes de Paulo, foi o discípulo Estêvão. Os judeus o apedrejaram. Enquanto as pedras chovem sobre ele, ele recebe uma visão do céu aberto. De Jesus. Este está de pé em glória celestial e se inclina em direção ao mártir que está morrendo, para recebê-lo junto de si.

Toda a autoridade lhe foi dada, no céu e na terra. Ele reina. É ele quem manda. Mas, e isto é importante, a sua maneira de governar é diferente. Não como fazem os imperadores, reis e déspotas. O seu governo é altruísta, justo, verdadeiro e amoroso. O seu domínio não é um poder que coage. O mal deste mundo não é detido pela violência. Jesus, o Rei acima de todos os reis, faz isso do seu jeito. Assim como o conhecemos dos evangelhos. Podemos confiar nele. Ele chega ao seu objetivo. Uma palavra basta, e todos os poderes deste mundo são detidos.

Se o Pai lhe deu o trono, então não pode ser de outro modo: ele também deve receber o trono da nossa vida! Jesus, o verdadeiro Rei, não é um usurpador do trono. Nós decidimos quem recebe o trono na nossa vida. Pessoas, ídolos, religiões, vícios, medo – e muitas outras coisas querem ter o domínio sobre a nossa vida. O domínio dele é o único que não nos escraviza. O único com futuro.

De que lado queremos estar? Talvez eu às vezes subestime a grandeza poderosa e a glória do meu Rei-Messias Jesus. Por isso podemos entregar-lhe sempre de novo o trono da nossa vida. Nele há perdão e indulgência. Sempre um novo começo. Ele não faz acusações. Ele nos recebe sempre de novo no seu governo de graça.

Eu estava olhando nas minhas visões da noite: e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem. E ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele.

14 E foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. O seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino é tal que não será destruído.

Daniel 7:13-14

A correspondência no Novo Testamento:

Jesus respondeu (ao sumo sacerdote): *"Sim! Mas eu vos digo que, desde agora, vale isto: vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu!"*

Mateus 26:64

Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram, e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente, amém.

Apocalipse 1:7

Jesus passou pelos céus até o trono de Deus. Os israelitas em Jerusalém ficam de luto durante a pregação de Pedro no Pentecostes, os mesmos que o mataram.

Abri-vos de par em par, ó portas poderosas, dai passagem, ó portais antigos, para que entre o Rei da Glória. Quem é esse Rei da Glória? É o SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas. Quem é esse Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória.

Salmo 24:7-10

Hebreus 2:7 + 9; Salmo 10:16; Jeremias 10:7 + 10; Atos 2:34; Hebreus 1:13; Gênesis 41:41-46; Efésios 4:8-10; Salmo 110:1; Filipenses 2:5-11; 1 Pedro 3:22; Atos 9:1-22; 7:54-60; Mateus 28:18; Lucas 11:23.

19 Meu Rei da Glória

(Canção na versão original em alemão)

Der Wind, der in mir weht
Das Wort, das nie vergeht
Alpha und Omega
Der sein wird, ist und war
Berge verbeugen sich vor seinem Angesicht
Ein Wort und es geschieht
Er kommt und Ängste fliehn

Das ist mein König, König der Herrlichkeit
Sein ist das Reich, die Macht in Ewigkeit
Nichts muss ich fürchten, solange ich weiß
Dass der König der Könige nah bei mir bleibt

Der Weg auf dem ich geh
Das Licht auf meinem Weg
Meine Heimat, mein Zuhaus'
Deine Nähe füllt mich aus

Das ist mein König, König der Herrlichkeit
Sein ist das Reich, die Macht in Ewigkeit
Nichts muss ich fürchten, solange ich weiß
Dass der König der Könige nah bei mir bleibt

Tobias / Samuel / Hundt / Harfst

20 O Rei – Filho de Davi e de Deus

O segundo salmo não tem título. É um salmo real, e esperaríamos que fosse de Davi. Pode ser, mas o rei que é descrito aqui não pode ser Davi, nem o seu filho Salomão. Antes, este salmo aponta para um rei único, que naquela época não existia. O Ungido do Salmo 2, o Messias, é o rei escolhido por Deus. Ele é ungido e constituído rei e, ao mesmo tempo, ungido com o Espírito para exercer o seu cargo.

Neste capítulo um pouco mais longo, o que está em primeiro plano é que este Rei é o Filho de Deus. No antigo Oriente, entre os egípcios e também na Mesopotâmia, o rei era a divindade encarnada. Quem lê o Salmo 2 sem saber de quem realmente se trata, vê neste salmo o ungido ser constituído rei no monte Sião, em Jerusalém, e com isso ser adotado como filho do Altíssimo. Portanto, antes ele não o era. A geração no Salmo 2 é a entronização. Ao ocupar o trono, o rei é adotado como filho de Deus.

> *"Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião!"*
> *Proclamarei o decreto do SENHOR. Ele me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei.*
> *Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão.*

Diferente da situação histórica, aqui o domínio não se estende só sobre Judá ou Israel, mas sobre todos os povos. Sonhava-se com um domínio mundial?

O sonho de Deus é unir todos os povos sob um Rei único e abençoar o mundo inteiro por meio dele. Começou com Davi, como a imagem original do rei ideal e protótipo do Rei que viria. Não de um rei qualquer, mas de um dos seus descendentes, em outras palavras, de um Filho de Davi. Da tribo real de Judá. O Salmo 2 olha para o futuro e espera um cumprimento literal. O salmo não é um sonho exagerado, é pura profecia messiânica, que se cumpriu e ainda se cumprirá plenamente. Hoje vivemos no cumprimento deste salmo, como mostra Atos 13:32-34:

> *E nós vos anunciamos a boa notícia da promessa feita aos pais, de que Deus a cumpriu para nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no segundo salmo:*

> *"Tu és meu Filho, eu hoje te gerei."*
> *E que o ressuscitou dentre os mortos para que nunca mais voltasse à corrupção, ele o disse assim: "Eu vos darei as fiéis misericórdias de Davi."*

As fiéis misericórdias de Davi são a promessa a Davi, e com isso ao povo do qual ele era rei, de ter um filho no trono de Davi que assumiria um domínio mundial eterno (Isaías 55:3). *Em Cristo isso se cumpriu.* Israel tem, de fato, importância para o mundo inteiro. Pois Jesus, um judeu, da tribo de Judá, está agora sentado no trono celestial. Ele é o cumprimento, ou melhor ainda, o mais que cumprimento. *Pois ele não se torna Filho, ele é o eterno Filho de Deus, que se tornou homem.* Gerado por Deus, ele é Filho de Deus também como homem e, além disso, foi confirmado como tal na ressurreição:

> *… evangelho de Deus (que ele antes havia prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras) a respeito do seu Filho (que, segundo a carne, veio da descendência de Davi e foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos), Jesus Cristo, nosso Senhor.*
> *Romanos 1:1-4*

O segundo salmo descreve o ritual da subida ao trono. Esse ritual é retomado pelo evangelista Marcos e elaborado no seu evangelho. A entronização do rei em Salmo 2:7-8 se reflete sobretudo em Marcos 1:11 e 9:7, mas vai numa direç

ão diferente da que provavelmente teria sido esperada por leitores judeus, e é então consumada em 15:39.

Salmo 2	Evangelho de Marcos
Unção do rei e dom do Espírito 2:2,6	"Unção" de Jesus como rei 1:11
Entronização no monte Sião (subida do rei ao trono) 2:6	Palavra de Deus a Jesus (e a João) (rasgar-se dos céus) 1:11 e 9:7
Mensagem de Deus aos povos 2:6	Nomeação de Jesus como Filho de Deus 1:11 e 9:7
Legitimação do domínio e investidura do rei, nomeação do rei como Filho de Deus 2:7	Glória de Jesus na transfiguração no Hermom 9:2-3,7
Transferência do domínio – domínio mundial do rei de Jerusalém 2:8	Autoridade de Jesus em exorcismos e milagres
Assunção das insígnias do poder (cetro de ferro – despedaçar vasos de barro) 2:9	O cetro de Jesus é a proclamação do seu evangelho 1:14 (com base em Isaías 11:4 – "vara da sua boca") Subida de Jesus ao trono – caminho da cruz até o Gólgota – a cruz como trono 15:16-19,39

Devo este estudo a Nenad Božović, do volume coletivo "Christ of the Sacred Stories", 2017, Tübingen.

Já no primeiro versículo Marcos começa: *"Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus."* Cristo, o Ungido, ele é o Filho de Deus! Enfim se pode dizer quem é a pessoa histórica do Messias do Salmo 2. Mas que tipo de Messias é esse que Marcos descreve? A linha leva diretamente à cruz, onde não um judeu, mas um romano se une à confissão inicial de Marcos: *O centurião que estava em frente dele, vendo que ele assim clamou e expirou, disse: Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus!* (15:39)

No começo, como no Salmo 2, é Deus, o Pai, que se dirige ao seu Filho e diz a respeito dele o que tem importância essencial e, ao mesmo tempo, inconcebível: *E uma voz veio dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo* (1:11). Assim também no meio do evangelho: *E veio uma nuvem que os envolveu; e uma voz veio da nuvem: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi* (9:7).

A descida do Espírito sobre Jesus pode ser vista, à luz da entronização no Salmo 2, como "unção de Jesus como rei": *E logo, ao sair da água, viu os céus se*

arem e o Espírito descendo sobre ele como pomba (1:10). No tempo de Noé, a pomba voltou com uma folha de oliveira, o que nos permite identificar a pomba com o Espírito de Deus (azeite de oliva = unção com o Espírito Santo). Pela descida do Espírito, Jesus é legitimado e investido como o Messias longamente esperado. O próprio Deus, o Pai, faz isso: *Encontrei Davi, meu servo – com o meu santo óleo o ungi* (Salmo 89:20). Cumpre-se outra palavra de Isaías: *Eis aqui o meu servo, a quem sustenho, o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz: pus sobre ele o meu Espírito, ele promulgará o direito às nações* (42:1). A relação de Deus com Jesus é única e cheia de amor, de afeição mútua. Ela supera todas as relações que conhecemos e enche a realeza de Jesus, como o Filho unigênito de Deus, de uma dimensão e plenitude nunca vistas.

A transferência do domínio ao rei mencionada em 2:8 acontece em Marcos 1:11 pela união com o Espírito e se mostra na autoridade de Jesus. Jesus ensina como alguém que tem "autoridade" (1:22,27); a sua autoridade também se reconhece na expulsão de demônios (1:24), o que se assemelha à autoridade do rei em Salmo 2:9. A sua autoridade também se reconhece no fato de que a aparição de Jesus traz espanto e admiração (1:27), de que a notícia da sua atuação se espalha (1:28) e de que os milagres se multiplicam (1:29-34).

O cetro de ferro do Salmo 2:9, com o qual os inimigos são despedaçados como vasos de barro, pode ser relacionado a Isaías 11:4, uma passagem que fala da "vara da sua boca" do Messias cheio do Espírito. Transferindo isso para a entronização de Jesus em Marcos 1:1-15, pode-se entender como cetro de Jesus, como cetro real, a "vara da sua boca", *isto é, o cetro de Jesus é a sua proclamação do evangelho (1:14).*

Em 2:8, as nações são prometidas ao rei como possessão, e o domínio mundial lhe é transferido. Se considerarmos essa promessa no contexto de Marcos 1:11, surge a pergunta: que nações foram prometidas a Jesus como possessão e o que significam "as extremidades da terra" nesse contexto? Uma resposta pode ser: todas as nações às quais o evangelho é anunciado e que o aceitam são as nações que se tornam "possessão" de Jesus. O evangelho é anunciado até as "extremidades da terra". O primeiro membro de uma dessas nações que se tornam possessão do Messias Jesus entronizado é o centurião romano debaixo da cruz em 15:39.

Em vez de um aumento do seu poder político, como se esperava, a entronização em Marcos vai na direção oposta: *o Messias não busca poder político.* Diante

dos discípulos está um Messias que vai sofrer. Antes da glorificação no monte Hermom, Jesus anuncia o seu sofrimento uma vez, em 8:31-33, e depois da glorificação mais duas vezes, em 9:30-32 e 10:32-34. Tendo isso em vista, pode-se entender por que Jesus, em Marcos, nunca se apresenta a si mesmo como Messias ou Filho de Deus, mas sempre usa outros termos, que não despertam falsas expectativas.

O último passo da entronização de Jesus em 15:39 foi preparado antes em várias passagens: primeiro pela entrada de Jesus em Jerusalém, pela unção de Jesus por uma mulher em vista do seu sepultamento, depois no julgamento diante de Pilatos e, por fim, na zombaria dos soldados contra Jesus. Na entrada de Jesus em Jerusalém, em 11:1-10, montado no jumentinho, reconhece-se um paralelo com a entronização de Salomão, que entrou em Jerusalém montado na mula de Davi (1 Reis 1:38). Isso explica o grito da multidão "*Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai*" em 11:10, que mostra que ela esperava a restauração da casa de Davi.

Na sua paixão, Jesus é fantasiado e vestido com os adereços de um rei vassalo helenístico, com um manto de púrpura e uma coroa de espinhos. A saudação "Salve, rei dos judeus" representa a saudação habitual de homenagem diante do soberano e se assemelha ao "Ave, César". *A cena toda é pensada como caricatura do ritual real.* Jesus é golpeado na cabeça com um caniço e cuspido. Segundo Mateus 27:29, o caniço é posto na sua mão direita e assim transformado em "cetro real". Por essa caricatura do ritual real, os soldados zombam de Jesus e o negam como soberano legítimo.

A subida à colina do Gólgota (15:22) pode ser interpretada como a subida de Jesus ao trono. O lugar se torna assim a contraimagem de Sião: enquanto a entronização real em Sião, no Salmo 2, significa poder político, na colina do Gólgota é entronizado o Rei-Messias sofredor. *A própria cruz representa o trono real, no qual Jesus morre como rei dos judeus.*

O rasgar-se do véu do templo simboliza a abertura do acesso a Deus para todas as nações, o que pode ser relacionado à expressão "dar as nações por possessão" no Salmo 2:8. Essa abertura acontece na morte de Jesus: *pela crucificação do seu Filho, Deus é revelado diante de todas as nações.*

Por último vem a confissão do centurião em 15:39. Diferente dos sumos sacerdotes judeus, o centurião não precisa de sinal para crer, mas chega à fé debaixo da cruz. *Só debaixo da cruz o leitor pode entender quem Jesus é e que tipo de Messias ele foi.* Com isso se consuma a entronização de Jesus em Marcos.

O que nos resta dizer no fim desta caminhada pelo segundo salmo e pelo Evangelho de Marcos? As Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento formam uma unidade entrelaçada e inquebrável. Não se pode ter uma sem a outra. *A profecia é uma realidade divina!*

O Rei veio e virá uma segunda vez. Ele é o nosso Rei. Sigamos incondicionalmente, diante de todo o mundo, aqui e agora, este chamado, ao qual em breve o mundo inteiro obedecerá:

> *11 Servi ao SENHOR com temor, tremei diante dele e aclamai-o com júbilo!*
> *12 Prestai honra ao seu Filho, para que ele não se ire e não pereçais no vosso caminho errado – pois depressa a sua ira se torna fogo que vos consome! Bem-aventurados todos os que nele buscam refúgio.*

As fiéis misericórdias de Davi como aliança eterna:

Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. ... A tua casa e o teu reino serão firmes diante de ti para sempre, o teu trono será estabelecido para sempre.

2 Samuel 7:12-16

1 Por que se amotinam as nações? Por que os povos fazem planos que estão condenados ao fracasso?

2 Os reis deste mundo estão prontos para o ataque, e os poderosos se aliam uns aos outros para lutar contra o SENHOR e contra o rei que ele ungiu.

6 Ele diz: "Eu mesmo constituí o meu Rei aqui em Sião, o meu santo monte!"

7 Então o rei diz: "Proclamarei o decreto do SENHOR; ele me disse: 'Tu és meu Filho, eu hoje te gerei.

8 Dize-me o que pedes, e eu o cumprirei! Eu te darei todas as nações por herança, a terra até os seus confins será a tua possessão!

10 E agora, ó reis do mundo, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra!

Salmo 2

De Davi, um salmo.

Disse o SENHOR ao meu Senhor:

Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés!

O SENHOR enviará de Sião o cetro do teu poder; domina entre os teus inimigos!

Salmo 110:1-2

O Ungido nos salmos reais: 2:2; 20:6; 84:9; 89:38; 132:10

21 O presente do Rei

Jesus tinha prometido. Quando ele fosse embora, quando não estivesse mais ali e os discípulos tivessem de se virar sem ele, então ele enviaria o Espírito. Como seu representante. Esse é o *Espírito Santo*. Ele é tão um com Jesus, tão identificado com ele, que Jesus pode dizer que ele mesmo viria a eles. Esse Espírito é Deus, assim como Jesus, uma pessoa que está em toda parte. Onipresente. Jesus, agora como o Senhor e Rei coroado, está por meio desse Espírito diretamente junto de todos os que o amam. Isto é, junto daqueles que creem nele e lhe obedecem.

Também para este dia da doação do Espírito existe ainda hoje um feriado. Um fim de semana inteiro. *Pentecostes* se chama esse acontecimento histórico. É uma festa judaica. São cinquenta dias entre a Páscoa, isto é, a ressurreição de Jesus, e a festa de Pentecostes. Depois de quarenta dias Jesus foi para o céu. Dez dias depois ele dá e envia o Espírito sobre os discípulos que estão orando em Jerusalém.

Isso significa dez dias de festa de coroação e entronização do Rei no mundo celestial. O céu e os seus habitantes exultam. O Filho está de volta e realizou o que era preciso fazer para salvar o mundo. Isso precisa ser celebrado. E recompensado. O Pai dá ao seu Filho – além do mais alto lugar de honra – o Espírito Santo.

Esse Espírito é agora a mão e o olho do Rei. Enviado sobre toda a terra. Cristo está onde o Espírito está. Em toda parte ele está ativo. Procura, ajuda, liberta, ilumina, impede desgraças e traz também juízo onde a injustiça perdeu todos os limites.

Por meio desse Espírito ele reina, o Rei-Messias. O seu domínio é real. Entre a sua gente, que lhe é leal. No seu reino, que – enquanto o Rei ainda não voltou – é invisível. Pois politicamente governam os grandes deste mundo. Os fiéis a Jesus são muitas vezes oprimidos. Até perseguidos. Eles pertencem, como outrora o próprio Jesus, a um *reino sofredor*.

O Espírito de Deus, que o Rei enviou e deu de presente, é a prova de que ele é o Rei, o Altíssimo, o Primogênito dentre os mortos. Aquele que agora, como ser humano ressuscitado, recebeu de volta toda a majestade e a riqueza divina

que tinha antes de vir e antes que o mundo existisse. Tudo isso ele tinha deixado para trás quando se tornou homem. Ele tinha renunciado voluntariamente. É exatamente essa glória que o Espírito de Cristo testemunha e confirma na terra. Sobretudo onde as pessoas anseiam por ela.

Esse Espírito vivo de Deus – ou Espírito do Messias – é o laço que o une firmemente aos seus discípulos na terra. Distâncias não são obstáculo para essa unidade e comunhão. O Espírito dá testemunho do Rei-Messias onde quer que as pessoas ouçam o evangelho e sejam tocadas.

O Espírito é a força para que os discípulos sejam fiéis ao Rei. Ele é o seu guia, o seu treinador, o seu defensor e advogado.

Ouve-se muita piada sobre esse Espírito. Onde aparecem fenômenos inexplicáveis, mas totalmente irrelevantes, ele seria o causador. Uma espécie de fantasma, por assim dizer. O que continua importante: esse Espírito está ativo sem pausa. Com possibilidades divinas, ilimitadas. Para que as pessoas encontrem pessoalmente o Rei. E voltem para casa, para o seu reino. Ele está aberto a todos. Especialmente convidados são os fracos. Os que duvidam. Aqueles que estragaram tudo por completo. Pecadores que sabem que são pecadores. Também as pessoas boazinhas, que ainda não sabem que precisam dele do mesmo jeito.

Esse Espírito de Deus, esse Espírito de Cristo, está ativo na linha de frente, com o coração de Jesus e com o coração do Pai, quando se trata da salvação do mundo. Ficaríamos imensamente espantados se pudéssemos ver o invisível através de óculos especiais e em cores. Por outro lado, seria inimaginável como seria o nosso mundo se esse Espírito não tivesse sido dado de presente pelo Rei.

Por isso diz o livro de Deus: "Quando subiu às alturas, levou cativo o próprio cativeiro e, em troca, deu presentes aos homens.

Que significa então a afirmação: "Ele subiu?" Significa também que ele desceu às regiões mais profundas da terra!

Aquele que desceu é o mesmo que também subiu, muito acima de todos os mundos celestiais, de modo que enche o universo por completo.

Efésios 4:8-10

João 14:18 + 28; 16:4 + 7; Atos 1:5-8; 2; 5:32; Apocalipse 1:4; 5:6; 2 Coríntios 3:17.

22 O Rei como benfeitor generoso e como dádiva

Na Antiguidade, o rei bom e ideal se destacava pela beneficência, naturalmente também para, com isso, exigir apreço e contrapartidas, como a lealdade. Era assim que funcionava naquela época. O rei ideal na Antiguidade é um benfeitor generoso, que se empenha pelo bem-estar dos seus súditos. Ele governava, entre outras coisas, por meio de uma beneficência demonstrativa. Talvez isso fosse mais clichê do que realidade.

Jesus é o Cristo, o Messias real, o rei ungido da linhagem de Davi. Portanto, quando se fala de Cristo, o motivo do rei está mais ou menos presente. Como Rei de Israel e do mundo inteiro.

A Carta aos Romanos usa o motivo do rei em várias passagens. A base para isso ela lança logo no começo, em 1:3-4:

> *… para anunciar o evangelho de Deus, que ele há muito tempo havia prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras – o evangelho a respeito do seu Filho, que, segundo a carne, procede da descendência de Davi, mas, segundo o Espírito de santidade, foi constituído Filho de Deus com poder, desde a ressurreição dos mortos: o evangelho de Jesus Cristo, nosso Senhor.*

A isso ele volta sempre de novo e então constrói sobre isso. É também com isso que a carta termina, com aquele que reinará como rei, em quem as nações esperarão (Romanos 15:7-13). O seu sofrimento e a sua disposição para o sacrifício não podem fazer calar a fidelidade de Deus: Deus lhe dá o domínio sobre o universo, dando-lhe o trono. O domínio de Adão, no princípio de tudo, é marcado por desobediência, pecado e morte. O domínio de Cristo, ao contrário, por obediência, justiça e vida. A morte não pôde retê-lo, ele foi ressuscitado pela glória de Deus e agora está entronizado à direita de Deus. A concepção ideal de Paulo a respeito do rei é praticamente programática, é um diálogo messiânico em Romanos 5–8 e na carta inteira.

Romanos 5:1-11 é um resumo de tudo o que foi dito até ali e, ao mesmo tempo, a base para o que vem depois. Esse texto é emoldurado nos versículos 1 e 11, em cada um deles, pelas palavras "*por meio de nosso Senhor Jesus Cristo*" (assim como a carta inteira está emoldurada de forma real entre 1:1-7 e 15:7-13). Esse

texto de Paulo pode ser considerado a partir da perspectiva do benefício real ou da beneficência real. Isso lança uma luz especial sobre ele e provavelmente foi assim também que os leitores originais o entenderam.

A dádiva real incomparável liberta, fortalece e guarda os seus seguidores. Assim também com Cristo e os seus.

O rei ideal trazia paz e reconciliação ao seu povo ou a uma cidade. *Assim temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo*. Por meio dele, o benfeitor real, temos acesso a Deus. Acesso aos aposentos reais. Ali somos naturalizados, podemos morar ali, 24/7. Para alguém que não era digno, desconhecido e insignificante, ou para um inimigo, esse acesso estava fora de qualquer possibilidade.

Paulo descreve o Messias oferecendo um sacrifício, algo que os reis na Antiguidade também faziam. Mas esse sacrifício é ele mesmo, com a entrega da sua vida. Podia acontecer que um rei se sacrificasse na guerra pelo seu povo ou estivesse disposto a isso. Em todo caso, ele esperava isso dos seus súditos, sobretudo dos seus soldados.

Mas o que deixa para trás todo esquema habitual do rei benfeitor da Antiguidade é *quem recebe aqui o benefício*. Não são justamente os justos e dignos ou honrados, que encontravam o favor dos reis. Aqui são os pecadores, os inimigos, aqueles que são culpados de morte. *Essa é a grande surpresa: um rei morre pelos seus inimigos e nem sequer pode esperar que eles o sirvam, como se conhecia na Antiguidade.* Pois lá uma dádiva era dada com a expectativa de receber uma contrapartida, não importa de que forma. Pelo menos era assim que a beneficência funcionava.

Também o tema dos sofrimentos é tratado dentro desse diálogo real. Uma dádiva real normalmente significaria pôr fim aos sofrimentos. Mas aqui os sofrimentos permanecem, porque só no futuro glorioso do reino messiânico de Deus eles terão fim definitivamente. Perseverar nos sofrimentos e gloriar-se nos sofrimentos é uma forma de expressar lealdade ao Rei, ao nosso Cristo.

1 Portanto, agora fomos declarados justos com base na confiança. Por isso temos paz com Deus por meio de nosso Senhor, o Messias Jesus.

2 Por meio dele, com base na nossa confiança, temos agora também livre acesso a essa experiência da graça de Deus. Nela estamos firmes e, cheios de orgulho, contamos com a esperança da maravilhosa glória de Deus.

7 Acontece muito raramente que uma pessoa vá à morte por outra pessoa, por alguém que é justo. Sim, talvez alguém tenha coragem de morrer por uma pessoa realmente boa.

8 Mas Deus mostrou com toda a clareza o seu amor por nós, pelo fato de o Messias ter ido à morte por nós quando ainda éramos transgressores da lei.

10 Pois é assim: quando ainda éramos inimigos de Deus, Deus nos reconciliou de novo consigo por meio da morte sacrificial do seu Filho. E isso significa também que nós, agora que estamos reconciliados com ele, tanto mais experimentaremos a salvação pela sua vida.

11 Mas não só isso! Também falamos de Deus cheios de orgulho, por meio de nosso Senhor, o Messias Jesus. Pois por meio dele fomos reconciliados!

Romanos 5:1-11

E em outro lugar do livro de Deus se diz: "Alegrai-vos, ó povos, junto com o seu povo!"

E em outro lugar: "Louvai a Deus, o Senhor, todas as nações, e todos os povos o exaltem!"

Também o profeta Isaías diz: "Aquele que, na realidade, é a origem de Jessé se levantará para governar as nações. Sim, os povos esperarão nele!"

Romanos 15:10-12

23 A riqueza do Rei

Um rei é rico. Normalmente. Ele tem grandes posses. Mas o que é riqueza num mundo passageiro? E quanto vale a riqueza, se foi roubada do próprio povo? Se apenas poucos são ricos, mas muitos são pobres?

O Rei-Messias Jesus é o Filho de Deus. Ele é o herdeiro que recebe tudo. O universo inteiro. Tudo o que existe. Pertence a ele.

Riqueza não é apenas posse material. São qualidades éticas e morais nas quais se pode ser pobre ou rico. Bondade, graça, amor e justiça, verdade e amabilidade, generosidade e sabedoria são as virtudes que se deseja de um rei. Jesus as viveu como ser humano. Esses traços de caráter permaneceram nele; também como o Altíssimo, ele continuou sendo como os evangelhos o descrevem.

Poder e riqueza muitas vezes transformam as pessoas. Nem sempre para o bem. Jesus era, é e continua sendo o mesmo para sempre. Para nós, seres humanos, isso é uma boa notícia. Uma constante. Para nós, aquilo em que podemos confiar.

A sua riqueza em glória supera ouro, prata e criptomoedas. A sua riqueza é a nova criação, além da morte e da transitoriedade.

É impressionante ler que ele considera *pessoas*, pelas quais morreu e que lhe são dedicadas como seguidores fiéis, como a sua riqueza. Como a sua propriedade preciosa. As pessoas são a maior riqueza, se formos sinceros. Elas tornam a nossa vida rica; sem elas seríamos pobres.

Jesus enriquece. *Ele reparte toda a sua riqueza, o seu lugar de honra, com todos os que querem pertencer a ele.* Vocês sabem, assim diz uma palavra da Bíblia, em que se mostrou a graça de Jesus Cristo, nosso Senhor: *ele, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos.*

Quando se trata das coisas boas, nós, ou a maioria de nós, não temos muito a oferecer. Admitindo com sinceridade: somos mendigos. E ele é o Rei que se tornou pobre. "O Príncipe e o Mendigo", de Mark Twain, é a brilhante história do filho do rei, Eduardo, que troca as suas roupas com as do menino mendigo Tom. Por engano, ele é tomado por Tom e passa a viver a vida de um mendigo. Uma comparação fraca, mas ainda assim acertada. Jesus deixa para trás a glória celestial, o esplendor eterno. Ele não se apega a isso. Voluntariamente ele abre

mão de tudo isso para nos alcançar. Para que vejamos e ouçamos de perto o quanto ele fala sério. A nossa riqueza era o seu objetivo.

Agora ele está de novo lá de onde veio. Tudo o que tinha, ele recebeu de volta. Agora como ser humano. Para poder reparti-lo com seres humanos. A sua riqueza é a sua glória pessoal, a glória do SENHOR (em alemão, *HERRlichkeit*). Também a sua santidade. O profeta Isaías teve uma visão que o faz estremecer. Ele vê o Senhor sentado sobre o alto e sublime trono. Anjos o rodeiam e o servem. Os anjos proclamam sobre aquele que está no trono: *Santo! Santo! Santo!* Isaías fica tão assustado que diz: *ai de mim, sou um homem pecador*. Pois os meus olhos viram o que na verdade não se pode ver: *pois os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos.*

O Rei-Messias é como um Cordeiro. Mas, ao mesmo tempo, também como um Leão. A sua glória é selvagem, indomada e assustadora, mas ao mesmo tempo também amorosa, suave e amável. Deus e o seu Cristo continuam sendo também um mistério para nós. Ele é maior do que conseguimos pensar. Não precisamos ter medo. Reverência, sim. Os pecados de Isaías foram perdoados. Quando Jesus nos purifica com o seu sangue, podemos viver na sua luz. O perfeito amor lança fora o medo.

A riqueza dele é a nossa riqueza. Ele não é só generoso, ele é pródigo quando se trata da sua gente. Ponhamo-nos a caminho e aprendamos a conhecer essa riqueza. Que Rei, que não cobra impostos, mas presenteia todos os habitantes do seu reino!

Senhor, ninguém é semelhante a ti! Tu és poderoso e conhecido pela tua força. Quem não te temeria e honraria, ó Rei de todos os povos? A isso tens direito, pois entre todos os sábios e reis do mundo ninguém se pode comparar a ti.

Jeremias 10:6+7

Salmo 50:10; Hebreus 1:2; 13:8; 2 Coríntios 8:9; Isaías 6:1-7; João 17:22; Efésios 2:6-7.

24 O nosso Rei: Mediador e Intercessor

Um rei era considerado um mediador entre os deuses e os seres humanos. Assim eram a visão de mundo e a fé na Antiguidade. O seu papel de mediador se expressava na função de sacerdote de mais alta posição. De Augusto e do seu evangelho já ouvimos. Ele é o primeiro imperador a assumir o título de Pontifex maximus e, com isso, a se tornar, como imperador, também o chefe religioso.

O título de Pontifex maximus designava originalmente o guardião supremo do culto aos deuses da Roma antiga e depois passou para os imperadores romanos. Política e religião estavam, nessa época, estreitamente entrelaçadas. Assim, desde Ninrode em Babel até os faraós no Egito, religião e política estavam numa só mão.

Pontifex significa *construtor de pontes*. Ele mantinha a ligação com o mundo dos deuses.

Todas essas funções e cargos de honra se unem de modo perfeito em Jesus, o Cristo. Ele não é apenas o fim do serviço sacerdotal aarônico da Antiga Aliança. Ele é o fim de todo culto aos deuses, com os seus serviços sacerdotais e sacrificiais, como era costume entre os romanos e as demais nações e era uma crença onipresente e cotidiana.

É Cristo quem conduziu o seu povo a Deus. É ele quem intercede junto a Deus como Sumo Sacerdote, se quisermos, como Pontifex maximus, pelo seu povo. Ele intercede por nós e pede para nós a bênção e a ajuda de Deus. Ele sai do santuário celestial como sacerdote real em direção ao seu povo e nos traz bênção.

Ele intercede por nós como nenhum outro pode. Ele nos entende, conhece o nosso coração e o nosso ânimo, sabe o que nos falta e nos leva, com tudo isso, ao trono do Altíssimo. Por isso estamos muito bem guardados com ele. Ele é o Mediador entre Deus e o ser humano. É ele quem restabeleceu a relação com Deus e fez a paz pelo seu sangue, derramado na cruz.

Como Jesus não vem da tribo de Levi e não pertence à família de Arão, mas nasceu da tribo real de Judá, Deus previu uma nova ordem sacerdotal. Ela ele já tinha preparado, ou tornado possível, muito antes do sacerdócio aarônico. Agora Cristo é sacerdote segundo a ordem de *Melquisedeque*. Este viveu no

tempo de Abraão e o encontrou, o pai dos que creem. Ele era rei de Salém e sacerdote do Altíssimo. Portanto, rei e sacerdote numa só pessoa. Nessa "função dupla", ele é uma prefiguração do Senhor Jesus Cristo. Este foi constituído por Deus sacerdote e rei para sempre.

Mas ele, porque permanece para toda a eternidade, tem o sacerdócio imperecível. Por isso ele também é capaz de salvar, sem nenhuma restrição, aqueles que por meio dele chegam à presença de Deus. Pois ele vive para sempre e por isso intercede incessantemente por eles.

Hebreus 7:24-25

1 Pedro 3:18; Hebreus 2:17; 4:14-16; 5:5-10; 7:25; 8:6; 9:15; 12:24; Romanos 8:34; 1 Timóteo 2:5; Gênesis 14; Salmo 110:4.

(Canção na versão original em alemão)
Heilig, Heilig, das Lamm Gottes
Das geopfert ist
Lob und Ehre, sei Dir dem König
Auf dem Gnadenthron
Die ganze Schöpfung singt und
Preist dich, den König
Du bist mir alles Herr
Und ich will dich ehren
Letra: Anja Lehmann

25 A sabedoria do Rei

Para um povo, o seu rei era o mais sábio de todos os homens. Mesmo que isso fosse só um boato. Um rei era também o juiz supremo do seu povo. A última palavra era dele. A sua sentença tinha consequências para as pessoas; por isso tinha de ser verdadeira e justa (e reta).

Há muito tempo, duas mulheres estavam diante do rei Salomão. Elas disputavam um recém-nascido. Cada uma tinha dado à luz uma criança. Uma morreu. A mãe da criança morta trocou em segredo a morta pela viva. A mãe enganada percebe isso imediatamente. Mas como podia provar o engano, sem teste genético? Como Salomão devia decidir, se não estava presente, se não havia testemunhas? Salomão pega uma espada para cortar o bebê em duas partes. Uma metade para cada mulher. Pela reação das mulheres ele percebe quem é a verdadeira mãe. A mãe verdadeira quer poupar a criança, mesmo que a impostora fique com ela. Para a outra, porém, tanto faz se a criança for morta. Uma sabedoria surpreendente. Salomão não tinha pedido a Deus riqueza e poder, mas sabedoria. Ela lhe foi dada. De perto e de longe vinham pedir-lhe conselho.

Jesus disse certa vez algo que quase se lê sem perceber: "Porque ela – a rainha de Sabá – veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão – e aqui está quem é *maior do que Salomão!*" Jesus impressionava pela sua sabedoria. Quando ele falava e pregava, abria-se um outro mundo. Diferente do mundo dos escribas. O Espírito de sabedoria falava por meio dele. A sua sabedoria era do céu, pura, para pessoas simples. Não algo elevado, passando por cima das cabeças. Como a água de fonte mais cristalina eram as suas palavras. Refrescantes, vivificantes, purificadoras.

Em Cristo, o Rei-Messias, encontramos a sabedoria de Deus. Ela se ocupa de nós, seres humanos, porque estamos numa crise sem saída. A sua sabedoria cuida de nós. E nos conduz à liberdade. Um verdadeiro êxodo. O Rei nos conduz para fora. Ele conhece o caminho. Nele, diz o apóstolo Paulo, estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Estar com ele, ouvi-lo, é a melhor decisão que se pode tomar.

Sabedoria é a capacidade de transpor conhecimento e experiência para o dia a dia e de tomar boas decisões. Decisões que sejam boas para todos. Que

tenham futuro. Mesmo que hoje signifiquem cortes dolorosos e renúncia.

Aos políticos desejamos sabedoria. Nós os abençoamos com sabedoria em nome do nosso Rei. A tarefa deles é mais desafio do que privilégio. Quem tem as melhores soluções, quem tem as respostas de que os governantes precisam para conduzir uma nação através de tempos difíceis? Também para os nossos políticos o céu está aberto para repetirem o pedido de Salomão.

Quem sente que lhe falta sabedoria, peça-a a este Rei, o rei mais sábio de todos os tempos! Ele diz que a dá com prazer a todo aquele que lhe pede. Sem fazer censuras. Fracasso e pecado que reconhecemos não são motivo para ele reter a sabedoria.

Que Rei, que reparte a sua sabedoria e não a guarda para si! Aprendamos com ele. Sabedoria é mais do que conhecimento. É uma vida ao lado do Rei. Em comunhão com aquele que é chamado *a Sabedoria*, que estava com Deus antes que a terra existisse. O temor deste Senhor é o princípio da sabedoria.

Mas a sabedoria lá do alto é, primeiramente, pura e límpida; depois, é pacífica, amável, condescendente. Ela é cheia de misericórdia e produz muitas boas obras. Ela não conhece nem preconceito nem fingimento.

Tiago 3:17

1 Reis 3:5-10; 16-28; 5; Lucas 11:31; Colossenses 2:3; Marcos 1:22; Provérbios 1:7; 8:22-30; 1 Coríntios 1:30; Tiago 1:5; 3:13-17; Apocalipse 5:12.

(Canção na versão original em alemão)
EIN KÖNIG VOLLER PRACHT,
Voll Weisheit und voll Macht.
Die Schöpfung betet an, die Schöpfung betet an.
Er kleidet sich in Licht. Das Dunkel hält ihn nicht
Und flieht, sobald er spricht, und flieht, sobald er spricht.
So groß ist der Herr, sing mit mir.
So groß ist der Herr.
Ihn preisen wir.
So groß, so groß ist der Herr.
Von Anbeginn der Zeit bis in die Ewigkeit
Bleibt er derselbe Gott, bleibt er derselbe Gott.
Als Vater, Sohn und Geist, den alle Schöpfung preist,
Als Löwe und als Lamm, als Löwe und als Lamm
Letra: Arne Kopfermann

26 A lei régia de Jesus

Para os antigos gregos, e também para os judeus, um bom rei era aquele que fazia boas leis. E que também as cumpria ele mesmo. Se Jesus é rei, que leis ele promulgou? Ele foi um legislador? Jesus chocou os seus contemporâneos judeus quando disse o seguinte no chamado Sermão do Monte:

> *"Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso Pai, que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos."*

Amar os romanos? Isso é escandaloso. Isso vira tudo de cabeça para baixo. Ordenar o amor aos inimigos é uma coisa; vivê-lo também é outra. A história da paixão de Jesus prova que ele mesmo também cumpre o seu mandamento. Embora, a um pedido seu, doze legiões de anjos estivessem prontas para salvar Jesus, ele renuncia a ser libertado. Ele não se defende. Na hora da sua morte na cruz, ele ora pelos seus torturadores:

> *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.*

O Rei-Messias era a lei encarnada. Ele era o Logos, isto é, a Palavra de Deus. No seu Sermão do Monte, por assim dizer o manifesto do seu reino, ele mostra que o amor aos inimigos é a essência do Pai celestial. E sempre foi. Ele viveu não só o mandamento do amor, mas também o do *amor aos inimigos*. Agir como ele é a condição para se tornar filho e filha desse Pai. O Filho unigênito, o vice-regente de Deus, encarna essa essência do seu Pai. O amor é o batimento do coração do reino do Pai, que ama o seu Filho. E que faz desse amor o padrão do seu reino.

Como Rei, Jesus deu ao seu povo um novo mandamento, que ele mesmo viveu como exemplo:

> *"Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros."*

Tiago, o irmão de sangue de Jesus, tinha entendido e escreve:

Se vós, de fato, cumpris a lei régia segundo a Escritura: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo", fazeis bem.

Este Rei era, por inteiro, aquilo que dizia e exigia. Nenhum mandamento arbitrário, só para demonstrar o direito de ser legislador. O seu mandamento é o amor incondicional, que pode vencer a inimizade e transformar as pessoas como nada mais.

No seu reino vale a sua lei. Sempre. Onde não se obedece a ela, ali não está o seu reino. E quem não obedece a esse mandamento não pertence a esse reino.

A lei de Cristo, do Rei-Messias, significa levar o fardo do outro. É uma lei da liberdade. Uma lei, portanto, que liberta. De nós mesmos. E talvez o próximo do seu fardo. Assim como o Rei fez com o nosso fardo, que ele tirou de nós.

Quem não gostaria de ter um rei assim?

Pois bem, se vocês realmente se orientam pela lei régia, como está estabelecida na Escritura: "Ame o seu próximo como a si mesmo!", então vocês agem bem e corretamente.

Tiago 2:8

Mateus 5:43-48; 26:53; Lucas 23:34; João 1:1-3; Colossenses 1:13; João 13:34; Tiago 1:25; 2:8 + 12; Gálatas 6:2.

27 A missão do Rei

Um rei expressa desejos que são entendidos como ordens. Ele incumbe os seus súditos. Eles executam da melhor maneira possível o que ele exige. Quando Jesus foi para o céu, deu uma missão aos seus discípulos:

> *"Ao vê-lo, eles (os discípulos) se prostraram diante dele; mas alguns ainda tinham dúvidas. Jesus aproximou-se deles e disse:*
> *Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.*
> *Portanto, ide a todos os povos e fazei das pessoas meus discípulos; batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinai-os a guardar tudo o que vos tenho ordenado.*
> *E tende certeza: eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo."*

De fato, aqui está o Rei do céu e da terra – quem mais tem toda a autoridade, não só na terra, mas também no céu? Mas ele não usa esse poder para submeter reis e nações da terra. Não, quem dá o mandamento do amor aos inimigos quer *ganhar* as pessoas. Não forçá-las. Ele emprega o seu poder para que todos os povos reconheçam quem ele é e como ele é.

Em última análise, o seu poder e a sua autoridade são abrangentes e reais. Este Rei pode encerrar a história deste planeta em qualquer dia. Ele poderia fazer o mundo ver e sentir o seu poder e o seu domínio. Ditadores fazem assim. O domínio dele é diferente. A sua lei é a da liberdade. É por convicção que as pessoas devem seguir Jesus e honrá-lo.

O sonho do Rei é que todas as pessoas o conheçam e se tornem seus discípulos. Para lhes dar o que não podem receber em nenhum outro lugar: graça, perdão, vida eterna, liberdade, descanso.

Como as pessoas podem conhecer este Rei, que está aí para elas? Todos os discípulos têm o privilégio de levar pessoas a este Rei. Imaginemos isso literalmente. Por um lado, ter o favor do Rei do universo, conhecê-lo pessoalmente, sim, até mesmo na intimidade, 24/7, ter audiência com ele sempre e sem interrupção. E poder levar junto todos os que perguntam por isso ou ficam sabendo por meio de nós. Levá-los ao Rei! E saber que todos eles são mais do que bem-vindos junto dele. Porque ele espera por cada um.

E, ainda assim: como este Rei-Messias Jesus toma agora posse do mundo como sua propriedade? Enviando ao mundo embaixadores com a boa notícia. Eles anunciam o verdadeiro Rei e, com isso, a obediência da fé. Assim, o evangelho é também como uma ordem que se cumpre. A mensagem é clara: ao imperador do mundo e às suas ordens se presta obediência. Ao Senhor Jesus, o Senhor dos senhores e Rei de todos os reis, se *é* obediente. Mais ainda do que ao imperador, mesmo que não se veja Jesus. Por isso, o termo para a nossa lealdade e fidelidade é a "*obediência da fé*".

A missão foi e continua sendo cumprida. Ela está na fase final: muitas pessoas ouviram falar deste Rei. Graças a muitas pessoas que, sem pensar em si mesmas, foram às regiões mais distantes para tornar o Rei conhecido. Começou pequeno. A coragem dos discípulos mudou o mundo. Eles sabiam quem estava por trás deles. E quem hoje está por trás de cada seguidor de Jesus e de cada um que confessa a Jesus. Aquele a quem foi dada toda a autoridade.

Eles não precisam temer ninguém. A última palavra, na vida e na morte, será do Rei.

Este livro é um convite para vir ao Rei! Um convite ou uma lembrança para confessar o Rei! Com este Rei, um novo começo é sempre possível. Perdão, graça e liberdade são as leis do seu reino.

Todos os reis se prostrarão diante dele, todos os povos o servirão.

Pois ele se tornará o salvador dos necessitados que clamam por socorro, das pessoas que sofrem e não têm quem as ajude.

Ele terá compaixão dos fracos e necessitados e salvará a vida das pessoas em aflição.

Da opressão e da violência ele as redimirá, pois a vida delas é preciosa aos seus olhos.

Viva o rei!

Salmo 72:11-15

Mateus 28:16-20; 1 Timóteo 2:4-5; Romanos 1:15; 5:2; 16:26; Efésios 2:18; 3:12; Atos 17:30-31.

28 Pelo Rei: fé e fidelidade

É uma grande honra servir a este Rei. Jurar-lhe fidelidade. Ele é digno de nos possuir. Como sua propriedade inteiramente pessoal.

A quem damos a nossa vida? A quem ou a que somos fiéis, bem conscientemente ou sem perceber? Que ídolos nos dominam? A quem pertencemos? O que é sagrado para nós? A quem nos entregamos? O nosso tempo? O nosso dinheiro? A nossa atenção?

Redes sociais? Facebook e Instagram? Religiosidade? Prestígio? Vaidade? Esporte? Egocentrismo? Comida? Álcool? Nicotina? Posses? Dinheiro? Poder? Sexo? Sucesso? Carreira?

Não se trata de saber se essas coisas, ou algumas delas, são boas ou más, santas ou pecaminosas. O decisivo é que papel elas desempenham na nossa vida. Uma pergunta para todas as pessoas. Para aquelas que servem ao Rei ou tentam servi-lo. Ou que só conhecem o seu nome. E para aquelas que não conhecem o Rei e não sabem quem ele é e como ele é.

Um rei, já em virtude do seu cargo, exige fidelidade e obediência. Uma fé que só concorda ou considera algo verdadeiro está morta. Ela não cria ligação com o Rei. *A obediência da fé é aquilo a que o Rei nos chama.* O seu desejo é uma ordem para nós. Se seguimos este Rei, só funciona por inteiro. Coisas pela metade funcionam muito mal também aqui.

Custe o que custar estar do lado dele, esse é e continua sendo o lado certo. O lado do Vencedor, que primeiro arriscou tudo por nós. A nossa fidelidade é gratidão. A nossa entrega é o nosso dever. Voluntária e sem coerção. Um leproso voltou por gratidão, mas dez tinham sido curados. Esta vida tem o melhor futuro. Hoje significa não ter, nesta vida terrena, vantagens especiais em relação àqueles que ignoram o nosso Rei. Uma vida sem este Rei pode ser mais simples e mais cômoda. Por isso, diz Jesus, deve-se calcular os custos antes de segui-lo.

Seguir a Jesus, assim diz Jesus, significa tomar a sua cruz. Isto é, entregar-se aos outros e estar presente para eles. Colocar os outros, e não a mim, em primeiro lugar na vida. Ter a vida de Jesus como modelo. Amar e servir de verdade.

Aliás, esse seguir a Jesus muitas vezes é feito de altos e baixos. Nunca perfeito. Não só êxito e sucesso, mas igualmente derrota e decepção conosco mesmos. Também dúvidas e perguntas sem resposta. Justamente uma vida na fé. Não na visão. Em certas fases, isso é um desafio absoluto.

Fé e fidelidade (em grego: pistis, em latim: fides) significavam na sociedade romana lealdade mútua e constante. A fides mantinha a sociedade unida – compromisso e lealdade, dar e receber, confiabilidade e fidelidade estão unidos nessa palavra. Em primeiro lugar, a lealdade era devida ao imperador, que, por sua vez, também a devia ao seu povo. A fidelidade a Jesus, o Senhor, é o que constitui o ser cristão.

Vale a pena a fidelidade, e tudo o que pode vir junto com ela em incômodos, esforços, renúncias e perseguições? Jesus diz que numa vida assim há alegria e bênção já aqui, isto é, antes que comece o futuro de Deus. No fim, porém, a vida eterna como recompensa de todo o esforço. Uma vida indescritivelmente bela, profunda, protegida, plena e rica com o Rei. Em breve, então, real e visível no seu reino eterno.

As letras de canções citadas a seguir não são nostalgia. Muito menos romantismo. Também não descrevem cem por cento a realidade de vida dos seguidores de Jesus ou dos fiéis ao Rei. São mais oração, desejo ou meta.

(Canção na versão original em alemão)

Ein Leben gegeben für den Herrn der Welt
Ein Leben gegeben für das, was wirklich zählt
Ein Leben für Gott, für ihn allein, das soll mein Leben sein
Lukas Di Nunzio



1 Coríntios 6:12; 1 João 5:21; Lucas 16:13; Lucas 14:25-33; 17:11-19; Marcos 10:28-31; Mateus 25:21-26; Efésios 1:1; Colossenses 1:7; 4:7; Apocalipse 2:10 + 13; 17:14.

(Canção na versão original em alemão)

Für den König, für den Herrn
Für ihn geben wir uns hin
Seine Ehre unser Ziel
Nichts bedeutet uns jemals so viel
Für den König, für sein Reich
Alle Menschen sind hier gleich
Lamm und Löwe sind vereint
Und das Licht der Gerechtigkeit scheint
Alle Ehre König Jesus
Unsere Herzen, sie fliegen dir zu
Wir erheben deinen Namen
Der allein wahre König bist du
Albert Frey

29 O Rei e o seu povo

De um bom rei na Antiguidade esperava-se que pacificasse povos e tribos. Que mantivesse o seu reino unido e o conduzisse como um bom pastor. Que tratasse o seu povo com bondade. O bom rei encarnava todas as virtudes que eram consideradas desejáveis. Mesmo quando isso não correspondia à realidade da vida.

Jesus, o Rei-Messias, foi constituído por Deus como cabeça do universo. Como cabeça real sobre tudo e sobre todos, ele traz ao cosmos quebrado a cura e a restauração há muito ansiadas. Debaixo dele, como cabeça, todas as coisas chegarão ao seu lugar e ficarão sãs. Ele torna a unir o que deve estar unido. Ele elimina a desordem e todas as forças de destruição. Sob a sua "chefia" real, tudo será reunido. Mas isso ainda é música do futuro.

Porém: já agora o Rei trouxe paz. Ele, o Príncipe da Paz. Naquela época, no tempo de Jesus, Israel era a nação que tinha direito exclusivo às promessas de Deus. Mas o Messias ressuscitado envia os seus discípulos a todas as nações. Todas as pessoas são convidadas e bem-vindas. Para nós, europeus, uma boa notícia. No tempo do início, não foi um processo fácil reunir judeus e nações com direitos iguais. Mas o Cristo trouxe exatamente essa paz e uniu judeus que creem no Messias e nações de todos os países da terra. Agora eles são o seu povo, no qual as antigas fronteiras nacionais caem. Unidos num *novo homem*. O Cristo, a cabeça, cria uma unidade como uma nova criação.

A união de judeus ou israelitas com essas pessoas das nações é tão estreita que se pode compará-la com um corpo, com um organismo. Cristo é a cabeça, e o seu povo, formado de todas as pessoas, é o seu corpo.

Judeus e nações se tornam agora, juntos, cidadãos do seu reino. Assim, eles têm, por assim dizer, duas identidades. Por um lado, continuam sendo o que eram antes. Cidadãos do seu país. Mas, além disso, são incorporados ao corpo de Cristo. Tornam-se cidadãos de outro reino, de um reino celestial. Este último permanecerá para sempre.

Os edifícios de igreja eram chamados de *basílica*, deixando claro que são a casa do soberano, do *basileus*, isto é, do rei. Daí deriva a palavra basílica. O lugar onde o povo do Rei se encontra com o Rei leva esse nome. Certamente, para

esse encontro não são necessários edifícios especiais, nem mesmo edifícios em geral. Mas onde eles existem, são uma expressão de reverência ao Rei.

A pacificação de muitos povos no corpo de Cristo é um acontecimento eminentemente político de dimensões cósmicas. Quando pessoas de muitos povos, com todas as suas particularidades e o seu passado, enterram a sua inimizade debaixo da cruz de Cristo, isso tem efeitos perceptíveis. Também na sociedade da qual fazem parte. Onde o Rei da paz governa, cessam a violência, a discriminação e a contenda.

Quando tantas etnias se reúnem, isso é muito desafiador. Essa paz que o Rei trouxe precisa ser guardada como a menina dos olhos. Aceitar os outros e levá-los a sério. Perdoar e cobrir o pecado. Não se levar a sério demais, em outras palavras: amar o próximo como a si mesmo é o ethos dessa nova comunidade do Rei.

É um presente inestimável e uma honra pertencer ao povo do Rei. Não de um rei qualquer. O nosso Rei, caso você pertença a esse povo, é o Rei acima de todos os reis. Nós, como seu povo, temos privilégios inacreditáveis. Audiência ininterrupta na sala do trono de Sua Majestade. O Rei ao nosso lado. Ele está com o seu povo, com cada um individualmente. O futuro dele é o nosso futuro. A riqueza dele é a nossa riqueza. A sua força ele nos deu. Mas ela não se aperfeiçoa em dominação e autoridade, e sim na fraqueza. A sua força nos faz experimentar e fazer o que só ele pode. A força que estava em Jesus, o Nazareno, atua também em nós.

Porque o SENHOR é o nosso juiz, o SENHOR é o nosso guia, o SENHOR é o nosso Rei. Ele nos salvará.

Isaías 33:22

Efésios 1:9-11; 2:11-22; 4:1-6; Isaías 9:6; Gálatas 3:28; Colossenses 3:10+11; 1 Coríntios 12; Apocalipse 1:5; 19:16; 1 Timóteo 6:15; Atos 1:4-8.

30 À mesa do Rei

Esta história da vida do rei Davi não é comum. Depois que o seu reinado está consolidado, ele procura descendentes ou parentes do falecido rei Saul, seu antecessor. Saul o tinha perseguido e tentado matá-lo. Será que Davi queria agora se vingar? Foi encontrado um neto de Saul, filho de Jônatas, chamado Mefibosete. Ele tinha uma deficiência, era aleijado dos dois pés. Precisava de ajuda e não conseguia sair do lugar sozinho. Imagine: Davi convida esse homem à sua mesa. Não só uma única vez, mas todos os dias, a vida inteira, ele pode comer com o rei.

Isso é o que eu chamo de amor, sim, até de amor aos inimigos. E o aleijado Mefibosete mostra como nós, seres humanos, somos desamparados. Chegar a Deus só é possível com a ajuda dele. Somos deficientes, não fisicamente, mas espiritualmente. Sozinhos não chegamos, precisamos ser chamados. Somos distraídos demais, inteligentes demais, incrédulos demais.

Jesus, o Cristo, nos convida à sua mesa. Ele ama cultivar a comunhão, conversar, desfrutar, alegrar-se juntos.

Talvez você já tenha ouvido falar da *Ceia do Senhor*. Da *Eucaristia* ou do *partir do pão*. O Rei instituiu uma refeição de lembrança. O pão e o vinho lembram a morte do Rei na cruz e o seu sangue, que ele derramou por nós. Quando celebramos essa refeição memorial, proclamamos a morte do nosso Rei. Até que ele volte, em majestade real.

Embora não vejamos o Rei, ele está presente de forma invisível. Em todo lugar onde a sua gente está reunida e o honra, pensa nele, lhe agradece e o louva. Uma comunidade unida por juramento, de fiéis ao Rei, que perderam o seu coração para Jesus. Que nada pode impedir de amar este Rei e de lhe ser fiel.

Essa mesa do Rei é questão de fé. Em torno dela se reúnem os discípulos de Jesus enquanto o Rei está no exílio. Eles se veem e se encorajam mutuamente quando celebram a refeição memorial. Quando esse tempo intermediário passar, o Rei celebrará junto com a sua gente. Não mais na fé, mas numa realidade visível e palpável.

Preparas-me a tua mesa diante dos olhos dos meus inimigos; recebes-me em festa junto de ti e enches o meu cálice até a borda.

Salmo 23:5

2 Samuel 4:4; 9; 2 Samuel 19:24-30; 21:7; Mateus 26:26-30; Marcos 14:22-26; Lucas 22:14-20; 1 Coríntios 10:14-22; 11:20-34; Salmo 23:5; Hebreus 13:10.

(Canção na versão original em alemão)

Königlich strahlt Dein Licht
Du bist ewiglich
Niemand kommt Dir gleich
Sanftmütig führst Du mich
Hin zu Deinem Licht
Ich darf bei Dir sein
Sei Du der Mittelpunkt in meinem Leben
Der Mittelpunkt in meinem Herzen
Ich gehöre Dir
Sei Du der Mittelpunkt in meiner Schwäche
Der Mittelpunkt in meiner Stärke
Ich gehöre Dir
Ich will Dir nah sein
Ich werd Dir folgen
Mein ganzes Leben in Dir verliern

Letra e música: Juri Friesen & Paula Friesen © 2012 Outbreakband

31 O jardim do Rei

É impressionante ver fotografias aéreas da cidade de Nova York. O Central Park é como um grande oásis verde no meio do mar de arranha-céus. Ele tem quatro quilômetros de comprimento e quase um quilômetro de largura. Toda cidade grande tem os seus parques. Descanso, sossego, lugares à sombra, frutos, refresco, belezas coloridas e perfumes, e celebrar festas: essa é até hoje a quintessência de um jardim. De algum modo, isso nos lembra o paraíso. Rainhas e reis tinham os seus jardins e parques, um mais bonito que o outro.

Com um jardim começa a Bíblia. Com uma cidade ela termina. Mas lá também há algo como um Central Park, um jardim urbano paradisíaco.

No princípio se diz que Deus, o Rei do universo, passeava no jardim pela viração do dia. Evidentemente ele gostava disso. Ele se alegrava com aquilo que ele mesmo, como o "jardineiro divino", tinha criado e entregado nas mãos dos seres humanos. A eles tinham sido confiados o cuidado e a proteção do jardim.

Milhares de anos depois, Deus se tornou homem. No fim da sua vida, Jesus, seguido pelos seus discípulos, vai a um jardim chamado *Getsêmani*. Um olival. Ali o Rei se retira para uma luta em oração. Ele sabe que a sua condenação à morte na cruz está iminente. Neste jardim nos tornamos testemunhas de que vem sobre ele algo pior do que a tortura física na cruz. Trata-se de tornar possível um Éden novo e melhor, um novo paraíso para todos. O preço para isso é imensurável. Para isso, o nosso pecado e a morte precisam ser tirados do caminho. Ele mesmo tomará sobre si o pecado e morrerá por ele. Isso é infinitamente pesado para ele, que era sem pecado. Ele procura outro caminho. Mas não há. Neste jardim ele é então preso. Começa o seu caminho de sofrimento. Ele termina na cruz. E num túmulo.

Esse túmulo também ficava num jardim. Maria Madalena tinha presenciado a crucificação e visto como depois um homem o tirou da cruz e o levou para o túmulo na rocha, ali perto. A esse jardim Maria foi no domingo bem cedo. Um homem vem ao seu encontro. Ela pensa que é o jardineiro. É o "Jardineiro" do Éden. O Rei está de volta. Ressuscitado dos mortos. Haverá um Éden-paraíso novo e melhor. Habitado por incontáveis irmãs e irmãos do Rei. Essa é a boa notícia que Maria agora pode levar aos discípulos.

Assim como o Central Park em Nova York, haverá um jardim-paraíso na Nova Jerusalém. Pela morte e pela ressurreição tornou-se possível uma nova criação em novas dimensões. Ela já começou. Será consumada numa nova terra, na Nova Jerusalém. A quintessência da beleza, da perfeição. Ali está o trono de Deus. Dele brotará a água da vida e regará o jardim. A árvore da vida estará ali e dará fruto abundante. Um simbolismo de que ali há vida e cura. E de que toda sede, sobretudo a sede da alma, é saciada.

Esse lugar parece surreal. Mas a Bíblia convida várias vezes, praticamente grita ao leitor, para estar presente neste Novo Mundo de Deus. De graça, cada um pode beber dessa água viva. Essa é mais uma imagem do evangelho, da boa notícia. Ela concede uma vida que permanece até a eternidade e não precisa temer a morte.

Mais uma coisa. A Bíblia fala do *fruto* do Espírito. Com isso ela se refere a coisas como: amor, alegria, paz, longanimidade, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. De algum modo, também nós hoje, os cristãos, somos o jardim do Rei, onde ele procura e colhe esses frutos. Esses frutos dificilmente correspondem à nossa índole natural. Por isso também são chamados de frutos do Espírito. Com a ajuda desse Espírito divino eles podem crescer.

Éden, o começo, o ideal, mas também o lugar da Queda e da ruptura. Getsêmani, onde o Messias resiste à tentação de desistir. O jardim-túmulo, onde a morte é vencida pela ressurreição. E onde o Rei ressuscitado encontrou primeiro uma mulher e lhe confiou a melhor mensagem para os seus discípulos. O jardim urbano na Nova Jerusalém: Deus alcançou o seu objetivo, por meio do Cordeiro. Ali, então, estaremos em casa – num lar eterno.

Tenham certeza: o Senhor consola a cidade de Sião, ele a faz ressurgir dos escombros. A terra devastada ele transforma num paraíso; ela florescerá e será fértil como o jardim do Éden. Alegria e júbilo ressoarão ali, e vocês cantarão hinos de gratidão ao seu Deus.

Eu, o Senhor, guiarei vocês sempre e em toda parte, também na terra seca eu os saciarei e lhes darei a minha força. Vocês serão como um jardim que sempre tem água suficiente e como uma fonte que nunca seca.

Pois, assim como a semente brota da terra e cresce, assim o Senhor, o Deus poderoso, faz crescer a nossa felicidade e aumenta a nossa fama entre todos os povos.

Isaías 51:3; 58:11; 61:11

Gênesis 2:8ss; Apocalipse 22:1-5; 22:17; Mateus 26:36; João 19:41; 20:1-18; Gálatas 5:16-26.

32 O Jesus político

Um verdadeiro rei é aquele que impõe o seu poder real de governo. Aquele que molda o seu Estado, promulga leis, cobra impostos.

Se Jesus é rei, e não há dúvida disso, então ele tem uma pretensão política. Então ele tem o direito de conduzir a vida pública, a administração e a legislação segundo o seu pensamento e a sua vontade. Isso vale também quando o seu reino não é deste mundo.

Aqui e ali, cristãos tentam introduzir princípios cristãos na política. Exercer uma influência cristã. Um fruto foi a abolição da escravidão – um avanço tremendo.

Há reis que foram para o exílio. Ou tiveram de ir. Às vezes eles ainda tentam exercer influência por meio dos seus seguidores fiéis. Semelhante e, no entanto, diferente é com Jesus, o Rei-Messias. Ele mesmo se retirou, não está presente pessoal e fisicamente. Embora o seu Pai lhe tenha dado toda a autoridade, no céu e na terra, ele não exerce poder político. Embora pudesse fazê-lo sempre que quisesse. Mas isso simplesmente não corresponde à sua natureza, assim como o conhecemos nos relatos dos evangelhos. O seu reino não é como um reino deste mundo. O seu domínio precisa, por assim dizer, de um mundo novo. Tudo precisa mudar. Vinho novo em odres novos ...

Os seus seguidores ele reúne na terra. Eles obedecem aos seus mandamentos reais. Pelo menos tentam. Eles não lutam por poder político. Mas onde lhes é possível, usam a sua influência. Defendem os direitos humanos, a liberdade religiosa e a igualdade de direitos e levantam a sua voz. Em contextos pequenos ou grandes da vida pública e da política.

Mas a pretensão política de governar, essa Jesus tem em todo caso. Ele tomará o lugar dos reis, imperadores, presidentes e ditadores. Eles irão embora, ele virá. E ficará.

Exatamente esse é o tema do próximo capítulo.

33 O retorno do Rei dos reis

Talvez você conheça Aragorn, da epopeia "O Senhor dos Anéis". Um guardião andarilho. Não um nobre. O seu nome significa "Valor Real". Ele se torna, contra a expectativa de todos, depois da vitória sobre Sauron, o legítimo Grande Rei de Arnor e Gondor. "O Retorno do Rei" se chama o terceiro livro dessa epopeia.

Talvez Tolkien, o criador dessa saga, tivesse em mente aquilo em que eu não posso deixar de pensar. No artesão da construção de Nazaré. Num homem discreto do ramo da construção, que durante toda a sua vida, como primogênito, com o pai e os irmãos, consertava casas ou construía novas nas cidades da Galileia. Nenhuma atividade nobre. Sem prestígio. Os três últimos anos da sua vida foram diferentes. Tudo isso nós já vimos.

As pessoas em Israel guardam Jesus na memória como um pregador itinerante ou rabino que fazia milagres. Depois da sua ressurreição, só os seus discípulos o viram, nenhuma pessoa que não o seguisse. Assim, fica na lembrança um crucificado. Até aí, a maioria das pessoas concordaria também hoje.

Mas isso um dia vai mudar de repente. De novo, tudo está dito com três palavras: *Ele voltará!* Ele vai voltar ao nosso mundo, ao nosso planeta. Um acontecimento que fará o mundo parar. Muitas vezes e de forma marcante ele é descrito na Bíblia. Faltam palavras para descrevê-lo plenamente. As pessoas ficarão sem palavras. De Sydney a Roma, de Pequim a Washington. A cortina que nos encobre o mundo invisível, o além, se abre. O palco está livre para o grande dia do Senhor Jesus Cristo.

O Desejado das nações vem. Uma segunda vez. Agora visível para todos. Nada de discussões. Nada de dúvidas. Nada de zombaria. Chegou a hora. Alguns duvidam se estão sonhando. Sim, para uns um sonho se realiza. Para outros, para todos os que negam a Deus, odeiam a Cristo ou são indiferentes, será antes um pesadelo. Os cristãos ansiaram por esse dia. A sua esperança se cumpre. A partir de agora e para sempre, nenhum ser humano dá mais as ordens. Só este único ser humano, o único perfeito e justo, terá a partir de então, sem restrições, o domínio soberano.



Por que o Rei volta? Ele cumpre a sua própria promessa! O Pai-Nosso, orado bilhões de vezes, finalmente é atendido: *venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu!*

Ele vem para levar ao objetivo a redenção dos seguidores de Jesus. Do mesmo modo, a criação explorada e maltratada anseia por esse dia. Ela será redimida, o Rei trará cura.

O Rei vem para se vingar? Pela sua crucificação? Pela rejeição de tantas pessoas? Não, Jesus não será o "carniceiro do Armagedom". Muitas imagens do Apocalipse, o último livro da Bíblia, são uma ironia, se não até uma paródia, de todos os reis deste mundo, sobretudo do imperador romano daquela época. *Os seres humanos* se vingam à sua maneira. Essa vingança não pode reparar nem restaurar. A vingança humana se intensifica, quase sempre quer destruir mais do que a perda que a própria pessoa sofreu. Diz-se dessa vinda de Jesus que é um dia de vingança. A vingança santa e justa de Deus. Jesus é descrito em imagem como o Cordeirinho imolado, com a ferida mortal. Um retrospecto da cruz, da sua morte pela humanidade. Ele, que até ordenou amar o inimigo e não se vingar por si mesmo, não virá para provocar um banho de sangue. Isso os seres humanos fazem a si mesmos, caso as nações venham a empregar os seus gigantescos arsenais de armas.

A violência coercitiva não será mais necessária diante da sua aparição. No jardim do Getsêmani bastaram as suas palavras, "*Sou eu*", e todos os soldados caíram por terra. Todos deporão as suas armas no seu grande dia. Armas cairão, e também palavras, atos e convicções. Para isso não é preciso guerra; a sua presença visível dobrará todos os joelhos.

Como Jesus voltará? Publicamente, visivelmente, de modo impossível de não ouvir, impossível de não ver, de repente, inesperadamente, dramaticamente, de forma assustadora, com grande poder, glorioso num grande esplendor de luz, vindo do céu, nas nuvens, escoltado por incontáveis anjos. O próprio Deus vem na pessoa do seu Filho Jesus, o Cristo.

A nossa imaginação chega aos seus limites. Esse acontecimento mal pode ser concebido. A passagem do dia para a noite não tem mais importância. O tempo para. Todos os nossos compromissos e obrigações acabaram. Ninguém mais espera por nós. Cada uma e cada um estará então focado numa só coisa: no Rei e no que ele vai dizer e fazer.

Para que Jesus Cristo voltará? Todo domingo, milhões de cristãos recitam o antiquíssimo e ainda atual Credo Apostólico:

> *Subiu ao céu; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso; de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos.*

Imagine: todos os mortos, todas as pessoas que já viveram, ressuscitarão. Tanta força criadora explosiva se revela no seu retorno.

Por último, a pergunta: *quando* isso vai acontecer? Jesus e os apóstolos disseram que nenhum ser humano conhece o momento. Em parábolas, Jesus indicou que pode demorar muito. Um motivo é que o evangelho do Rei deve ter alcançado as pessoas em toda parte. Isso começa a se cumprir.

O tempo da sua vinda é descrito como tempo de tribulação e de grande aflição. As pessoas ficarão perplexas de medo e na expectativa das coisas que virão sobre a terra. Acontecimentos incomuns no céu acompanharão isso, antes que venha o fim.

Se nesse grande dia ainda haverá a possibilidade de pedir perdão ao Rei, ninguém pode dizer hoje. Penso naqueles que nunca se interessaram por ele ou que até o rejeitaram conscientemente. Para todos os que vivem hoje vale este apelo insistente:

Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração. Hoje – não amanhã – é o dia da salvação.

Hoje, milhões esperam por esse dia glorioso, que já tinha sido predito até no Antigo Testamento. O verdadeiro objetivo da vida deles. Esteja presente. Passe para o lado daqueles que sabem que ele voltará. Mesmo que nada pareça indicar isso, ele prometeu!

Pois o dia do juízo de Deus virá, tão inesperado quanto um ladrão. Nesse dia os céus se desfarão com um estrondo tremendo, e os elementos arderão em chamas, e a terra e tudo o que nela jamais aconteceu não se encontrará mais.

Mas Deus nos prometeu novos céus e nova terra. Ali não haverá mais injustiça, porque a vontade de Deus governa. Por esse mundo novo nós esperamos.

2 Pedro 3:10+13

Mateus 24:27-30+44; 26:64; Marcos 13:26; 14:62; Lucas 17:24; Romanos 8:18; 1 Tessalonicenses 1:10; 2:19; 3:13; 4:13-18; 5:1-11; 2 Tessalonicenses 1:6-10; 2:8-12; 2 Timóteo 4:1+8; Tito 2:13; 1 Pedro 1:7+13; 4:13; Apocalipse 1:7; 19:11-16.

34 Que dia glorioso

(Canção na versão original em alemão)

Einst, als im Himmel der strahlendste Tag war
Herrschte auf Erden die dunkelste Nacht
Da wurde Jesus als Mensch geboren
Er hat uns Gnade und Wahrheit gebracht
Das Wort wurde Fleisch und das Licht wohnte bei uns
Es scheint in der Nacht

Für uns geboren, für uns gestorben
Er nahm die Sünde der Welt mit ins Grab
Am dritten Tag ist er auferstanden
Einst wird er kommen, welch herrlicher Tag
Welch herrlicher Tag

Dann führten sie ihn hinauf um zu sterben
Ans Holz genagelt, das Kreuz aufgestellt
Der Mann der Schmerzen verachtet, verstoßen, er trug die Sünde
Der Heiland der Welt
Die heilenden Hände sind weit ausgebreitet für unsere Schuld
Am dritten Tag hielt das Grab ihn nicht länger
Weg war der Stein und die Grabkammer leer
Er ist auferstanden, den Tod überwunden
Er fuhr auf zum Himmel, der siegreiche Herr
Er gab neues Leben
Die Schuld ist vergeben, mein Retter ist er
Einst wird er kommen, welch herrlicher Tag
Welch herrlicher Tag, herrlicher Tag
Oh bald wird der Tag seiner Wiederkunft kommen
Bald werden wir ihn in Herrlichkeit sehen
Er wird die Seinen dann ganz zu sich nehmen
Staunend werd ich vor ihm stehen

Für uns geboren, für uns gestorben

Er nahm die Sünde der Welt mit ins Grab
Am dritten Tag ist er auferstanden
Einst wird er kommen, welch herrlicher Tag
Welch herrlicher Tag
Herrlicher Tag
Herrlicher Tag welch herrlicher Tag

Albert Frey

35 O Rei como juiz justo

O Rei-Messias aparece. Agora ele está aqui. Cada pessoa se pergunta o que virá em seguida. Tudo parece surreal. As leis da natureza estão suspensas. Começa um novo tempo, isso ficou definitivamente claro para cada um.

Como se não bastasse que de repente a linha divisória entre o mundo visível e o mundo celestial invisível tenha desaparecido, acontece algo não menos dramático. Os mortos se levantam. Todas as pessoas que já povoaram este planeta, de todas as épocas, de repente estão ali. Tão vivas quanto aquelas que não morreram. Embora a sua condição social tenha sido muito diferente, agora todos são iguais, os imperadores, os reis, os fundadores de religiões e as pessoas simples, os incontáveis soldados, os náufragos, os pobres e os mais pobres. Os que morreram de fome e os assassinados, os escravos e os livres. Crianças, inimaginavelmente muitas crianças. Todos os não nascidos, mortos no ventre materno, estão ali.

Só aos poucos todos tomam consciência de que o Deus que acabou de vir do céu, Jesus, o Messias, chamou os mortos dos seus túmulos e de todos os lugares onde estavam espalhados. A sua voz, que há muito tempo chamou a terra à existência, chama agora os mortos à vida.

Chegou o tempo do juízo. O Filho de Deus, Jesus, recebeu a autoridade de realizar esse juízo. Um ser humano que conhece a vida, as tentações, as provações, os sofrimentos injustos. Todos serão reunidos diante dele. Cada um estará sozinho diante dele. Nenhum atendimento em massa, nenhum processo sumário. Cada momento, cada ato, cada pensamento, cada motivo e cada palavra serão examinados. Cada um olhará a sua própria vida nos olhos. E aquilo que fez aos outros. E sentirá o que sentiram aqueles que foram vítimas.

Como isso será possível com tantas pessoas e os seus anos de vida, ninguém sabe dizer. O céu não precisa de discos rígidos em que tudo esteja armazenado. Diante de nós estará o Onisciente. Aquele que conhece os nossos pensamentos e emoções.

Isso tranquiliza você? Ficar sabendo tudo sobre si mesmo? Ver tudo outra vez ou até vivê-lo de novo?

Esse juízo precisa existir. A justiça precisa ser estabelecida. Tanto culpados como vítimas precisam de justiça. Nenhum tribunal humano pode fazer isso. Por isso o Juízo Final, como muitas vezes é chamado, é também parte indispensável da esperança cristã. Tudo vem à luz. Tudo é avaliado segundo o padrão de Deus e posto em ordem. Aquilo que indivíduos, grupos e povos fizeram.

Jesus será incorruptível. Ele não fará acepção de pessoas. O que foi pecado continuará sendo pecado. O que foi bom, ele elogiará. Diante desse Juiz, as pessoas terão de reconhecer o seu pecado e o sentirão profundamente como tal. E receberão a sentença do Juiz.

O próprio Juiz morreu pelos pecados das pessoas. Ele é a propiciação pelos nossos pecados. Não só pelos nossos, mas pelos do mundo inteiro. Nesse juízo, o Juiz não está contra nós, ele está a nosso favor. A favor de todos os que creram. Mesmo assim, uma coisa não contará nesse dia para aqueles que ouviram ou leram o evangelho. Só as nossas boas obras – se é que existem – não nos salvarão. Se esperamos ter sido boas pessoas, então há um problema. Quem se apoia nisso, na sua vida boa, teria de apresentar, segundo o padrão de Deus, uma vida *perfeita*. Quem se apoia nos mandamentos de Deus deveria ter guardado não só um, mas então todos eles. Ainda assim, as obras que fizemos têm grande importância; elas terão um papel importante.

Mas o que ajudará ali? O que importa?

A questão será que relação temos com Cristo, o Rei. Neutralidade não existe. O próprio Jesus o diz de forma certeira: *quem não é por mim é contra mim*. Em outras palavras: agora, e não só então, aqui e hoje, precisa ficar claro quem Jesus é para nós. Este Rei se inclina até nós e oferece perdão. Se alguém ouve falar da graça concedida pelo Rei e a deixa de lado, o que vai dizer naquele dia, quando tudo for posto sobre a mesa? Quando tudo o que é injusto, pecaminoso e egoísta na nossa vida estiver entre nós e o Rei?

Ali estarão também pessoas que nunca ouviram falar de Jesus e que viveram antes do tempo dele. Como Jesus lidará com elas, isso posso tranquilamente deixar à sua graça e justiça divinas. Mas aqueles que ouviram falar dele, porém pensaram que tudo isso não era relevante ou era uma fábula – com eles não haverá um bom desfecho.

Por mais gracioso que este Rei seja, ele não forçará ninguém a servi-lo. Quando a Bíblia fala do inferno, fala dele como um lugar onde não é preciso servir a este Rei. Porém, o Rei não é um qualquer. Ele é o Alfa e o Ômega, o

Princípio e o Fim. Ele é o centro de todo o ser. De todo ser bom. Separado dele, o ser nunca será bom. Por isso, quem puder, faça a sua escolha hoje.

Porque o SENHOR é o nosso juiz, o SENHOR é o nosso guia, o SENHOR é o nosso Rei. Ele nos salvará.

Isaías 33:22

O domínio se tornará cada vez maior, e a paz não terá limites sobre o trono de Davi e sobre o seu reino; ele o firmará e o sustentará com o direito e com a justiça, desde agora e para sempre. Isso o zelo do SENHOR dos Exércitos fará.

Isaías 9:7

Salmo 36:6; 76:8; 89:14; Eclesiastes 12:14; Isaías 5:16; 9:7; Daniel 7:10+22; Malaquias 3:5; Mateus 12:36; 25:31-46; Lucas 20:47; João 5:22-30; Romanos 2:5; 14:10-12; 2 Tessalonicenses 2:12; Hebreus 9:27; 1 Pedro 4:17; Apocalipse 20:11-15.

36 Reinado eterno

Jesus reina! Nisso apostam todos os seguidores de Jesus. Mas como é esse governo? O mundo e o seu desenvolvimento, o que os governos fazem, como se comportam entre si, como os cristãos são perseguidos, tudo isso continua. Ele já reina agora ou só quando tiver vindo?

A intervenção de Deus no nosso mundo pode ser entendida com as palavras *já agora – ainda não.* Em outras palavras: a sorte está lançada. A vitória do Gólgota é o Dia D, o dia da decisão. Assim se chama o dia em que, em 6/6/1944, os Aliados desembarcaram na Normandia. Esse foi o *começo do fim* do Terceiro Reich. A salvação de Deus para os seres humanos e para a criação, Jesus a realizou naquela Sexta-feira Santa em Jerusalém. Esse é o começo do fim deste mundo passageiro, ferido e mortal. Também o fim dos poderes das trevas, inimigos da vida. Ainda seduzem e escravizam as pessoas poderes sombrios, anjos caídos e demônios, e impedem a sua salvação onde podem.

A redenção se realizará plenamente nos seres humanos e na criação quando o Cristo voltar. Agora ainda vivemos num tempo intermediário. Entre o Dia D e o Dia V. O Victory Day, o dia da vitória, virá quando toda inimizade tiver sido vencida. Quando a vitória de Deus tiver a última palavra.

Jesus, o Rei-Messias, reina agora no seu povo. Ele teria poder também sobre todas as pessoas. Sobre a política mundial. O seu objetivo, porém, não é assumir o domínio mundial sobre o mundo *tal como ele é agora*. Ele quer ganhar pessoas que o reconheçam e o aceitem.

Com a sua vinda, visível para todas as pessoas, começa o novo domínio mundial. Dele participam todos aqueles que o honram e estão prontos para o seu governo. Todos os impérios mundiais passam, o dele permanece para sempre. Um novo mundo, um novo tempo começa quando ele vier. Se haverá um processo de restauração, ou uma mudança radicalmente curta do velho para o novo, isso ainda não sabemos.

Cumprir-se-ão as promessas cheias de esperança que encorajaram as pessoas em dias sombrios:

> *"Pois um menino nasceu, o futuro rei nos foi dado! E estes são os nomes de honra que lhe serão dados: Governante sábio, Herói poderoso, Pai eterno, Príncipe da Paz.*

O seu poder se estenderá longe, e uma paz duradoura chegará. Ele reinará sobre o trono de Davi e o seu domínio permanecerá para sempre, porque ele se atém às ordenanças do direito de Deus. O Senhor, o soberano do mundo, assim decidiu e o fará."

O trono de Davi está ocupado de novo! Com o cativeiro babilônico, a sucessão real tinha terminado. Não havia nem trono nem rei em Israel. Mas havia esta promessa ao rei Davi:

"Então farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho!"

Para os Doze, os apóstolos, ficou claro com a ascensão do Messias que agora o *trono de Davi* foi ocupado pelo Príncipe eterno, Jesus. Este foi constituído por Deus Senhor e Cristo. A aliança de Deus com Davi está cumprida. Para Israel. Ainda tudo acontece em Jerusalém e em Israel. As fiéis misericórdias de Davi são as expectativas legítimas desse povo. Mas algo espantoso acontece. O trono de Davi agora não está mais na Jerusalém terrena. O trono está no coração de todo o ser, junto de Deus. Já não é um reino *terreno* nas fronteiras de um grande império de Israel. Os apóstolos, também Paulo, percebem que se trata de um reino *celestial*. Um reino que não diz respeito só a Israel, mas ao mundo inteiro.

Primeiro vem o terreno, depois o celestial. Este último é maior e mais glorioso. Uma Jerusalém celestial numa nova terra será o lar de todos os que creem. Essa é a quintessência do reinado eterno de Jesus, o Filho de Davi. Aqui se fecha o círculo no cumprimento inesperado e diferente da promessa a Davi.

Esse reinado universal de Jesus, na sua dimensão inimaginável, ainda não podemos ver nem experimentar. Mas um dia chegará a hora. Quando o tempo dele tiver chegado. O que, portanto, já agora reconhecemos pela fé, com os olhos do coração, é isto: Jesus, que na vida terrena viveu como ser humano em humildade. Que sofreu a morte por todos e provou toda a amargura de uma morte violenta como sacrifício pelo nosso pecado. Por todos nós. Para que assim a graça de Deus beneficie a criação inteira. E por isso, porque ele fez o impossível, se deixou crucificar e morreu, ele agora está revestido da glória e da honra de Deus, sim, coroado com a coroa de vitória da glória.

Com este Filho de Davi, a antiga contagem do tempo terminou. Seguimos o nosso Rei para o seu reino eterno, onde novas aventuras nos esperam.

Ele lhe deu poder, honra e domínio, e as pessoas de todas as nações, povos e línguas se submeteram a ele. O seu poder é eterno e imperecível, o seu domínio jamais terá fim.

Daniel 7:14

Então o Senhor será Rei sobre todos os povos da terra. Só ele será Deus naquele dia, só a ele os povos orarão.

Zacarias 14:9

E ressoaram no céu grandes vozes, que clamavam: o reinado sobre o mundo pertence agora inteiramente ao nosso Senhor e ao seu Messias, e ele reinará pelos séculos dos séculos!

Apocalipse 11:15

Salmo 22:28; 45:6; 145:12-13; Isaías 9:7; Daniel 2:44; 4:3; 7:27; Mateus 6:10; 25:34; Lucas 1:33; Atos 2:30; Romanos 14:9; 1 Coríntios 15:24; Efésios 5:5; 1 Tessalonicenses 2:12; 2 Timóteo 4:1+18; Apocalipse 11:15; 12:10; 22:5.

37 A graça e a dádiva do Rei

A palavra graça quase não aparece na nossa linguagem do dia a dia. Nós e o nosso sistema jurídico insistimos no direito. Graça significaria não insistir no próprio direito. Queremos entender o que graça e dádiva significavam na Antiguidade, no tempo de Jesus e dos apóstolos.

Há diferentes palavras para graça e dádiva. O termo central no Novo Testamento, porém, é a palavra grega *cháris*. Ela tem um amplo espectro de significados: favor, benevolência, boa vontade e cuidado bondoso, bem como a demonstração desse favor e desse cuidado, como um ato de graça ou, ligando as duas palavras, um *dom da graça*. As dádivas de benfeitores são atos de *cháris*.

Na Antiguidade, a graça ou a dádiva tinha uma função que permeava toda a sociedade, em todas as suas camadas sociais. A troca de presentes ou favores nunca acontecia sem segundas intenções. Se alguém precisava de dinheiro para ampliar o seu negócio, isso não lhe custava apenas juros. A condescendência de um patrono criava uma obrigação mútua, mas não declarada. Todo aquele que recebia uma graça ou dádiva a que não tinha direito era colocado por ela numa relação de doador e recebedor. Talvez o recebedor nunca pudesse devolver uma dádiva de igual valor, mas pelo menos podia dar-lhe o seu voto, quando surgisse uma oportunidade. Sim, o "sistema" recíproco de graça e dádiva era altamente corrupto. Com presentes se compravam pessoas para os próprios interesses. E todos sabiam disso.

Mais uma vez, para nós hoje: uma graça era uma dádiva que alguém podia conceder soberanamente. Mas o recebedor assumia com isso uma obrigação. O doador sabia disso e podia então pensar quando seria o momento certo de exigir uma contrapartida. Pela graça ou dádiva surgia uma espécie de relação de dependência. Um pouquinho, isso ainda é assim hoje. Se recebemos um presente, ainda mais um presente especial, na próxima oportunidade daremos algo em troca. Nós simplesmente sentimos certa obrigação de fazê-lo.

Vamos a Jesus. Dele, Paulo diz a palavra inconcebível:

> *Vocês sabem em que se mostrou a graça de Jesus Cristo, nosso Senhor: ele, sendo rico, se fez pobre, para que, pela sua pobreza, vocês se tornassem ricos.*

Jesus, o Rei do universo, que chamou tudo à existência, a quem tudo pertence, faz duas coisas controversas: ele dá a *todos*. Sem distinção. E ele dá com uma *generosidade* extravagante. Isso não correspondia à cultura daquela época. Nem à de hoje. Tornar-se ele mesmo pobre e dar tudo, para que outros se tornem ricos. Dar isso a nós, isso é graça. Imerecida. A nossa pobreza comoveu o seu coração.

O sentido da graça na Antiguidade também tem sentido no caso do Rei Jesus. Pela sua dádiva ele quer criar uma relação. É exatamente isso que ele expressa com a sua graça. Comunhão não forçada. Uma comunhão em que devolvemos algo. É muito menos do que aquilo que recebemos. Mas o nosso coração, a nossa vida devem pertencer a ele. Ele deve receber o nosso voto. Num mundo que, na maioria, ainda o rejeita.

O seu dom da graça nos traz muito. Ele quis nos tornar ricos, e assim aconteceu. Aqui apenas uma fração daquilo com que fomos presenteados e com que é presenteado cada um que recebe este Rei: perdão, absolvição, redenção, vida eterna, libertação, santificação e liberdade.

A nossa resposta é que não podemos fazer outra coisa senão entregar-lhe a nossa vida. Consagrá-la a ele. Todos os dias de novo.

A palavra dom da graça é usada no Novo Testamento, isso apenas como complemento, para descrever as capacidades dentro da igreja que o Espírito Santo concede. Dons sobrenaturais como ensino, curas, profecias e falar em línguas, operação de milagres e discernimento de espíritos. Eles são dados para serem usados para o Reino de Deus.

Pois a graça salvadora de Deus se manifestou, e ela vale para todas as pessoas.

Tito 2:11

João 1:14,16+17; Romanos 3:24; 5:15-16; 6:23; 12:1-3; 11:29; 1 Coríntios 12:4-11; 2 Coríntios 6:1; 8:9; Efésios 2:5; 2 Timóteo 1:9; Tito 2:11; 3:7; Hebreus 2:9.

38 A noiva do Rei

Por quem se interessa um rei assim, que possui tudo e governa sobre tudo? O que pode atrair o seu coração? Quem poderia lhe dar alguma coisa? O que poderia ser tão atraente e amável para ele, a ponto de ele se pôr a caminho para possuí-lo?

A Bíblia descreve Deus como noivo. Isso é extraordinário, pois pressupõe que ele desejou uma noiva. Deus como noivo descreve que ele não quer estar sozinho, mas busca comunhão.

Ele mesmo criou o homem e a mulher à sua imagem. Os dois deviam se tornar uma só carne e formar uma unidade inseparável e uma comunhão de amor. E é assim que nós, seres humanos, o experimentamos, não todos, mas muitos. E assim podemos ousar uma ou outra conclusão sobre a relação de Deus com a sua esposa. Na Antiga Aliança, Deus, Javé, entrou numa relação de casamento com Israel. A noiva não é uma pessoa, mas o conjunto de muitas pessoas.

Na Nova Aliança, a noiva não é um único povo. A noiva é agora uma assembleia de todos os povos e nações. A amada não é *uma* pessoa, como o noivo. A noiva é uma metáfora para todos os seguidores de Jesus. Do mesmo modo, para todos os que creram e viveram antes que Jesus viesse. Isto é, a multidão inteira e reunida de todas as pessoas que amam Jesus, o Rei e Noivo. Que comparação poderia descrever melhor o amor do que esta, da noiva e do noivo?

Para possuir essa noiva, para conquistar o coração dela, ele provou o seu amor. Ele se entregou por ela, até a morte na cruz do Gólgota. Ele não deixou surgir nenhuma dúvida de que fala sério. Ele quis tê-la a todo custo, ao preço da sua vida.

O que o Rei acha tão atraente em nós? Na Antiguidade, os reis se casavam conforme a sua posição. Assim é ainda hoje. Mas são as exceções que causam sensação. Quando um rei toma por esposa uma mulher simples, ou até uma escrava. Nós não éramos amáveis. Não nos interessávamos por Deus e pelo seu Filho. Nós nos comportávamos como inimigos de Deus. A nossa história é incompreensível. Ele viu em nós algo pelo qual valia a pena morrer. Morrer com o risco de que não correspondêssemos ao seu amor e o recusássemos.

Muitos já pertencem hoje a essa noiva. Mas por muitos ele ainda espera.

Ele é um noivo e marido verdadeiramente exemplar. Ele cuida da sua noiva. Ele age como um escravo e a lava, para que ela seja pura e perfeita. Essa linguagem figurada deixa claro que essa relação de amor é verdadeira e continuará sendo. Tão estreita é essa relação que, como no princípio Adão e Eva, também Cristo e a igreja são uma só carne. Ele é a cabeça, que ama e provê, e ela é o corpo, o corpo dele. Juntos formam um só ser humano. Esse corpo é o que faltava a Cristo e agora o torna perfeito para sempre. Tudo isso é linguagem figurada, mas expressa de forma certeira quão grande, quão profundo, verdadeiro e determinado é o amor de Cristo. Amar um noivo assim, saber-se seguro junto dele, isso não pode ser difícil.

A noiva, um dia, quando a festa começar, vestirá o seu vestido de noiva. É interessante que ele será feito das boas obras que os cristãos realizaram na sua vida. Assim, esse vestido está em confecção, e todos trabalham nele.

Do cântico nupcial do Rei no Salmo 45:

De boas palavras transborda o meu coração! Sim, ao Rei consagro as minhas obras.

E o Rei cobiçará a tua formosura, pois ele é o teu senhor: inclina-te perante ele!

Salmo 45:1+11

Salmo 45; Isaías 61:10; 62:5; Mateus 22:2-12; Marcos 2:19+20; João 3:29; 2 Coríntios 11:2; Efésios 3:18+19; 5:25-30; Apocalipse 19:7-9; 21:2+9+17.

39 A festa de casamento do Rei

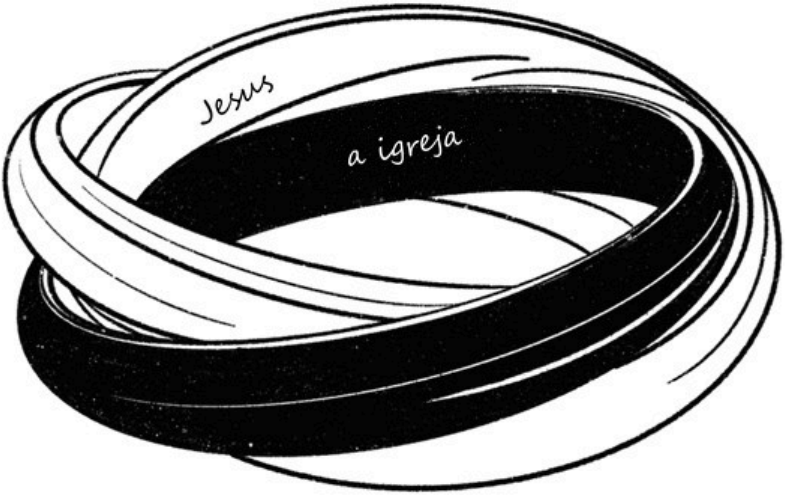
Eu adoro casamentos. Sobretudo na primavera e no verão, quando faz calor. Quando o clima é de euforia e a alegria enche o ar da noite. Sobretudo quando sou simplesmente um convidado, que só precisa festejar, comer, beber, conversar e rir. Os noivos ansiaram por esse dia há muito tempo. Quando ele chega, passa depressa por causa de toda a sua beleza. Gostaríamos de retê-lo, de continuar festejando e não só desfrutar da lembrança.

O Rei, de quem já ouvimos muita coisa, também ele espera por uma festa de casamento. E tão grande e glorioso quanto o Rei é, tão grande e glorioso será o casamento. Uma festa verdadeiramente cósmica. O céu prende a respiração quando o Rei recebe a sua noiva. Esqueça todos os casamentos (reais) que você já viveu ou viu na televisão. Também o de Aragorn e Arwen no castelo da montanha em Minas Tirith. Ele é representado numa cena de filme inesquecível para mim. Ela inspira um pouco quando penso no futuro.

Sim, aqui se pode esperar a emoção mais profunda. Aqui arde o fogo do amor. Aqui os dois esquecem o mundo ao seu redor. Pois agora finalmente chegou a festa. A espera terminou.

A condição para esse casamento será que o Todo-Poderoso tenha assumido o domínio mundial. Toda inimizade terá terminado. Nada jamais poderá perturbar ou ameaçar esse casamento. O tempo e o lugar do banquete de casamento podem ser escolhidos livremente. Nenhum local é caro demais. Não, nada será bom o suficiente.

Imaginemos uma festa alegre, uma celebração com bilhões festejando sem reservas. Sem se cansar. Não me pergunte como isso será possível. Não quebro a cabeça com isso. Aquele que convida é o Todo-Poderoso, o Criador de todas as coisas. Nessa festa veremos que ele é o inventor da alegria, da celebração e do júbilo.



A terra feita nova será o local. Em toda a sua beleza, como já a conhecemos agora. Mas agora completamente renovada e restaurada. Feita nova. Depois, feita ainda mais bonita, porque valemos isso para ele. Ele prepara o lugar para essa festa. Ele limpa tudo e enfeita tudo, do seu jeito, no qual o seu amor se torna visível.

A Bíblia descreve essa festa futura mais de uma vez. Chamou-me a atenção que não consegui encontrar um fim para essa celebração. O certo é que essa festa não termina depois de um dia ou, como no Oriente Próximo, depois de uma semana. O tempo então não será mais importante.

Em outra comparação, Jesus fala dessa festa de casamento. Muitos são convidados. Mas é preciso uma veste nupcial. Sem ela, a pessoa logo chama a atenção e é posta para fora. Como se consegue uma veste nupcial? Em sentido figurado, diz uma palavra da Bíblia: "Eles – os convidados da festa – lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro."

A nossa veste, e com isso se quer dizer, em sentido figurado, a nossa vida inteira, está bastante suja em alguns lugares, inadequada para a luz e a glória da festa de casamento do Rei. Mas ele morreu por nós, para que nos livremos dos nossos pecados. Para nos tornar puros, assim como ele mesmo é puro. A noiva e o noivo resplandecem num branco brilhante. Nada nessa festa lembra o nosso

passado obscuro e duvidoso. Só as marcas das feridas do Noivo, nas mãos, nos pés e no seu lado. Essas provas do seu amor permanecem como lembrança eterna.

É verdade que o Rei, hoje e agora, ainda convida de fato para a futura festa de casamento. Ele enviou a sua gente para convidar. E isso a todos, sem nenhum privilégio ou vantagem. Todos, os pobres e os ricos, os fortes e os fracos, os solitários e os sociáveis, os doentes, os pecadores, os desesperados, os esquecidos, os que olham para trás, para a sua vida, e não conseguem encontrar nela nada de bom, ou só muito pouco.

Como um jovem se une à sua moça, assim o teu Criador se unirá a ti para sempre. Como o noivo se alegra com a sua noiva, assim o teu Deus se alegrará contigo.

Isaías 62:5

Isaías 61:10; 62:5; Mateus 22:2-12; 2 Coríntios 11:2; Efésios 5:25-30; Apocalipse 19:7-9; 21:2+9+17.

(Canção na versão original em alemão)

You're my friend
And You are my brother
Even though You are a King
I love You more than any other
So much more than anything
Du bist mein Freund
Und Du bist mein Bruder
Obwohl Du ein König bist
Ich liebe Dich mehr als jeden anderen
So viel mehr als alles andere
Du, o Herr, bist mein Freund und Bruder, du mein König und mein Gott!
Dich begehre ich mehr als alles, so viel mehr als höchstes Gut.

40 Eles reinarão sobre a terra

Este livro tratou do Rei dos reis. Não em primeiro lugar de nós, seres humanos. Mas isso quase não se pode separar. Você se lembra do começo do livro? Sim, Deus criou os seres humanos à sua imagem, para que dominassem sobre a terra. Mas tudo isso fracassou completamente. Ainda hoje. O verdadeiro Rei veio para nos levantar dos escombros, dos cacos e do pó. E para nos constituir de novo como reis. Isso é inacreditável, mas verdadeiro. Deus chega ao seu objetivo conosco. Com todos os que vêm a ele. Que reconhecem que precisam de perdão, salvação e cura.

Deus quer reunir a nós, como seus reis, com o Rei dos reis, o seu Filho. Isso valeu para ele um preço alto:

> *... e da parte de Jesus Cristo, a Testemunha digna de confiança da verdade, que foi o primeiro a ressuscitar dentre os mortos e agora reina sobre todos os reis da terra.*
> *Àquele que nos ama e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, àquele que nos fez corregentes, reis no seu reino e sacerdotes para o seu Deus e Pai,*
> *a ele pertencem a glória e o poder para todo o sempre.*

Assim os que confessam a Jesus entrarão na eternidade, conduzidos pelo seu Rei. Eles ficarão maravilhados. É melhor, mais rico e mais feliz do que eles tinham sonhado. Seguir atrás de Jesus valeu a pena. A sua fidelidade e lealdade serão recompensadas. Mesmo assim: a sua felicidade eterna é e continua sendo imerecida. Essa felicidade está aberta a todos.

Mas, antes de chegarmos ao fim, ainda isto: o povo de Jesus já é rei e sacerdote *agora*! Mas como eles governam? Têm influência sobre os acontecimentos do mundo? Ou devem tentar ter?

Para a sua vida pessoal vale a estranha palavra de que eles reinam como reis na sua própria vida pessoal. O pecado é o inimigo. O pecado como força destruidora, que estende a mão para toda vida, para possuí-la, separá-la de Deus, sobrecarregá-la. Mas esse poder foi quebrado pela morte e pela ressurreição do Rei a quem pertencemos. O pecado não precisa nos governar; nós podemos e devemos dominá-lo, tirar-lhe espaço e oportunidade, não deixá-lo se desenvolver. O Espírito de Deus é a força viva em nós.

Quando isso dá certo, tem uma influência, um efeito no nosso ambiente. Como reis, não tomamos poder político. Mas onde acontece injustiça, dizemos o que ela é. E a detemos onde existe a possibilidade. Estamos do lado dos esquecidos e oprimidos, dos famintos e sem esperança, exatamente como o Messias fez na sua vida.

Influência sobre o mundo e sobre os acontecimentos do mundo nós temos, como sacerdotes reais, de uma forma que se poderia chamar de conspiração. Uma conjuração secreta! Um complô sem violência. Não para derrubar, mas para o bom êxito e para fazer recuar a injustiça, a fome e as secas no mundo. A favor de uma coisa e contra a outra os cristãos podem interceder *junto ao seu Rei*. A oração, a intercessão é uma forma de governo que é invisível, mas se torna visível onde o Rei atende a oração. Quem se exercita nisso está no programa de formação para o futuro, quando Jesus, e nós com ele, reinaremos.

Os seguidores de Jesus são também sacerdotes ungidos. Chamados a abençoar. Como sacerdotes reais. Eles levam a bênção de Deus ao mundo. Para todas as pessoas. Eles abençoam em nome do Rei e, em oração, colocam o seu nome sobre as pessoas. Eles não só falam bem aos outros e dos outros, mas trazem sobre eles a graça de Deus. Também sobre animais, sobre casas, sobre famílias, sobre governos. Simplesmente sobre tudo o que precisa de graça e bênção. A presença de Deus pode se tornar real, perceptível e visível por meio da bênção. Em amor, santidade, cura, bom êxito, salvação e libertação.

Contudo, a oração, a intercessão e a bênção não são pretexto para não se levantar de forma ativa e com empenho no próprio lugar contra a injustiça e a discriminação, onde isso for possível e necessário.

E não participem, sob nenhuma circunstância, de nenhuma prática que venha das trevas e por isso não produz bons frutos. Pelo contrário, desmascarem tais práticas!

Efésios 5:11

Romanos 5:17; 1 Timóteo 2:1-7; 2 Timóteo 2:12; 1 Pedro 2:5-9; Apocalipse 1:5-7; 5:9-10; 22:5.

Para concluir, mais uma vez sobre Jesus, o Rei: ele é o regente que representa Deus diante dos seres humanos.

Jesus nasceu como Rei dos judeus; Mateus 2:2.

Jesus anunciou o Reino de Deus; Mateus 4:17,23; 12:28.

Jesus demonstrou a sua pretensão de domínio sobre o mundo visível e o invisível, ainda que não a tenha realizado definitivamente; Mateus 12:28; Lucas 19:38; João 1:49; mas também: 6:15.

Jesus reina sobre a sua igreja e a capacita para o serviço; Mateus 28:18; Efésios 1:19-22.

Jesus restaura o reinado de Davi; Atos 15:15-17; Amós 9:11-12.

Jesus volta como Rei vitorioso e universal; 1 Coríntios 15:25.

Ele possui toda a autoridade (Mateus 28:18); ele governa um reino invisível e espiritual (João 18:36,37) e mais tarde governará visivelmente sobre toda a terra: Salmo 66:4; 72:16-19; Isaías 2:2; Daniel 7:13,14,18,22,27; Hebreus 10:13; Apocalipse 15:4.

Oh, if there's only one song I can sing, When in His beauty I see the great King, This shall my song in eternity be, "Oh, what a wonder that Jesus loves me!"

Oh, se houvesse uma só canção que eu pudesse cantar, Quando eu vir o grande Rei na sua beleza, Então esta será a minha canção por toda a eternidade: "Oh, que maravilha que Jesus me ama!"

Outros livros do autor

Und die Toten leben doch (E, no entanto, os mortos vivem), Bielefeld, 1992

Seitenwechsel – Von Adam zu Christus (Mudança de lado – De Adão a Cristo), Bielefeld, 2011

Entrückung, Himmel, Ewigkeit – Ein neuer Blick auf alte Themen (Arrebatamento, céu, eternidade – Um novo olhar sobre temas antigos), Nuremberg, 2015

Gottes Lamm, Golgota und die Ewigkeit (O Cordeiro de Deus, o Gólgota e a eternidade), Wuppertal, 2015

Fantastische Himmelwelt, Lehre und Leben der Himmelwelt im Epheserbrief (O fantástico mundo celestial – Doutrina e vida do mundo celestial na Carta aos Efésios), Nuremberg, 2016

Gott spricht, Eine erklärende Übertragung der allgemeinen Briefe und der Offenbarung (Deus fala. Uma tradução explicativa das cartas gerais e do Apocalipse), Sulzberg, 2017

Epheser, nacherzählt, erklärt für heute (A carta de Paulo aos Efésios – Recontado, explicado, para hoje), Sulzberg, 2018

God's good Gospel, Gottes gutes Evangelium (O bom Evangelho de Deus), Sulzberg, 2019

Markus, nacherzählt, erklärt für heute (O Evangelho segundo Marcos – Recontado, explicado, para hoje), Sulzberg, 2019

Galater, nacherzählt, erklärt für heute (A carta de Paulo aos Gálatas – Recontado, explicado, para hoje), Sulzberg, 2020

Die Briefe des Johannes, nacherzählt, erklärt für heute (As cartas de João – Recontado, explicado, para hoje), Sulzberg, 2020

Frauen, vergebt uns! – Die Rolle von Frau und Mann (Mulheres, perdoem-nos! – O papel da mulher e do homem), Sulzberg, 2020

Frauen, vergebt uns! – Mann und Frau in Ehe und Gemeinde, Kurzversion (Mulheres, perdoem-nos! – Homem e mulher no casamento e na igreja, versão resumida), Augsburg, 2022

Outros textos em: www.hans-joerg-ronsdorf.de

Os livros podem ser obtidos com o autor ou em livrarias, muitos também como e-book na Amazon.

hj-ronsdorf@t-online.de ou 08376 929643